

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE HISTÓRIA**

**EDUARDO BALDO TOSTES**

**O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO: SOCIEDADE E FUTEBOL DO  
INÍCIO DO SÉCULO XX À CONQUISTA DA COPA DO MUNDO DE 1958**

**Uberlândia  
2022**

EDUARDO BALDO TOSTES

**O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO: SOCIEDADE E FUTEBOL DO  
INÍCIO DO SÉCULO XX À CONQUISTA DA COPA DO MUNDO DE 1958**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado à Universidade Federal  
de Uberlândia, como requisito para  
obtenção da graduação em História

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ivete Batista  
da Silva Almeida

**Uberlândia**

**2022**

EDUARDO BALDO TOSTES

**O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO: SOCIEDADE E FUTEBOL DO  
INÍCIO DO SÉCULO XX A CONQUISTA DA COPA DO MUNDO DE 1958**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado à Universidade Federal  
de Uberlândia, como requisito para  
obtenção da graduação em História

Uberlândia, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Ivete da Silva Batista Almeida (Orientadora)

UFU/MG

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carla Miucci Ferraresi de Barros

UFU/MG

---

Prof. Dr. André Luis Bertelli Duarte

ESEBA/UFU

## AGRADECIMENTOS

A minha caminhada na graduação foi recheada de pessoas e momentos que, diretamente e indiretamente, contribuíram para chegar até o final desse ciclo. De forma geral, gostaria de agradecer a todos por esses anos incríveis na faculdade.

De forma especial, gostaria de expressar minha eterna gratidão aos meus pais Carlos e Rose. Eles fizeram com que esse meu sonho se tornasse realidade, com todo o suporte e carinho. Agradeço todo o apoio e incentivo nessa caminhada e que permitiu me tornar cada vez mais forte. Sem vocês, nada disso teria sido possível. Sou grato também ao meu irmão Lucas por todo o incentivo e parceria, você também faz parte de tudo isso aqui. Agradeço a toda minha família, que mesmo de longe me apoiaram.

Gostaria de agradecer a República Santa Casa por ter sido meu lar durante todos esses anos. Vou ser eternamente grato por esse lugar que me fez muito feliz e também me fez crescer muito. Todos os rolês, risadas e histórias que jamais serão esquecidas. Gostaria de agradecer todos os moradores desde o início até o final, em que me acolheram e fizeram com que esses anos fossem os melhores da minha vida. Também quero agradecer a todos os agregados que passaram por essa rep, vocês construíram com a gente a história da maior república de Uberlândia. E por fim, agradecer também aos meus dogs Íris e Micareta por todos esses anos e ao Chico por ter entrado na família há pouco tempo.

Um agradecimento especial a minha namorada Júlia Felix que esteve comigo por quase todos os anos da faculdade e sendo minha parceira nos momentos bons e ruins. Ela me apoiou e incentivou em todos os momentos, com muito amor e carinho e foi essencial na minha caminhada. Amo você e obrigado por tudo.

Gostaria de agradecer ao curso de História e principalmente aos que me acompanharam nessa caminhada. Agradeço ao Samuel Vidal, Henrique, Lucas e Leonardo pela caminhada na sala de aula e fora dela. Agradeço também a Atlético Humanas por todos os jogos, treinos, rolês e torcidas, principalmente a rapaziada do futebol. Foram importantes na minha caminhada também.

Sou grato aos meus professores por toda a graduação que foram essenciais para a minha formação. Agradeço ao professor André que me ajudou no início da pesquisa, me dando todo o suporte para o desenvolvimento dela, principalmente pelo desenvolvimento da Iniciação Científica com bolsa pelo CNPQ no ano de 2020. Agradeço a professora Ivete que me ajudou a dar continuidade nessa pesquisa e me acompanhou na monografia, sempre muito carinhosa e solícita. Sou grato a todos os estágios e vivência que a UFU pôde me proporcionar. Viva a Universidade Pública.

Agradeço a todos meus amigos de Ribeirão Preto que mesmo de longe sempre me apoiaram e estiveram comigo. Apesar da distância, foram importantes para a construção dessa jornada.

Os agradecimentos serão eternos por cada pessoa e momento. Pude viver os melhores anos da minha vida, com muita intensidade e felicidade. Aprendi e vivi muito. Mesmo de longe, o Baldo estará sempre com cada um de vocês. Amo todos e muito obrigado por tudo!

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender o negro no futebol brasileiro. Buscou-se fazer uma relação entre o esporte e questões presentes na sociedade, entendendo principalmente como a identidade racial, ascensão social e o racismo estão associados ao futebol ao longo da história e permanecendo até os dias atuais. Essas análises e comparações foram feitas a partir do documentário *O Negro no Futebol Brasileiro*, em que aborda a trajetória dos jogadores negros no Brasil desde o início do futebol brasileiro e chegando até os dias atuais. Mas que neste trabalho, o foco foi abordar a sociedade e o futebol da primeira metade do século XX e os acontecimentos da década de 1950, principalmente com o título da Copa do Mundo de 1958 e o surgimento das figuras de Pelé e Garrincha. Portanto, a pesquisa visou, primeiramente, em contextualizar o surgimento do futebol no Brasil e o seu desenvolvimento até a década de 1950, introduzindo como o futebol e a sociedade estão atrelados, entendendo as questões raciais. Já no segundo momento do trabalho, o foco foi em abordar sobre a sociedade brasileira pós-abolição, compreendendo questões como: Identidade racial; Heranças da colonização; racismo; democracia racial. Tudo isso, relacionando com o futebol e utilizando o documentário. Por fim, o presente trabalho incluiu uma análise mais elaborada sobre a fonte desta pesquisa e as temáticas abordadas.

Palavras-chave: O Negro no Futebol Brasileiro; Identidade Racial; Racismo; Documentário.

## **ABSTRACT**

This paper aims to understand blacks in Brazilian soccer. It sought to make a relationship between the sport and issues present in society, understanding mainly how racial identity, social ascension and racism are associated with soccer throughout history and remaining until today. These analyses and comparisons were made based on the documentary *O Negro no Futebol Brasileiro*, which approaches the trajectory of black players in Brazil from the beginning of Brazilian soccer up to the current days. But in this work, the focus was to approach the society and soccer of the first half of the 20th century and the events of the 1950s, especially with the 1958 World Cup title and the emergence of the figures of Pelé and Garrincha. Therefore, the research aimed, firstly, to contextualize the emergence of soccer in Brazil and its development until the 1950s, introducing how soccer and society are linked, and understanding racial issues. In the second moment of the work, the focus was on approaching Brazilian post-abolition society, understanding issues such as: racial identity; legacies of colonization; racism; racial democracy. All of this, relating it to soccer and using the documentary. Finally, this work included a more elaborate analysis of the source of this research and the themes addressed.

Keywords: Black in Brazilian Soccer; Racial Identity; Racism; Documentary.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1- FUTEBOL NO BRASIL: INÍCIO E DESENVOLVIMENTO.....</b>	<b>12</b>
O início do futebol.....	12
Um olhar sobre o documentário.....	14
Introdução aos atletas negros brasileiros.....	15
Surgimento da Seleção Brasileira, o início das Copas do Mundo e a edição de 1950.....	20
<b>CAPÍTULO 2- QUESTÃO RACIAL NO BRASIL: ATLETAS NEGROS E O RACISMO.....</b>	<b>25</b>
Heranças da colonização, escravidão, identidade e racismo.....	25
A população negra pós-abolição, democracia racial e a década de 1950.....	29
Análise do pioneirismo de jogadores negros brasileiros e o desenvolvimento do futebol.....	35
A Copa do Mundo de 1950 e seus efeitos? Uma análise social e racial.....	41
Surgimento de Pelé e Garrincha após a Copa do Mundo de 1950: trajetória e primeiro título do Brasil na Copa do mundo em 1958.....	47
<b>CAPÍTULO 3- O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO: O DOCUMENTÁRIO E SUAS PERSPECTIVAS.....</b>	<b>54</b>
Análise do documentário: um olhar sobre as temáticas abordadas.....	54
Uma conversa com o diretor: entendendo melhor as escolhas feitas no documentário.....	57
A vida e obra de Mário Filho.....	61
O documentário e sua relação com os dias atuais.....	62
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>65</b>
<b>FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>68</b>

## INTRODUÇÃO

Hoje em dia, o futebol é o esporte mais popular do país, em que milhares de pessoas se aglomeram nos estádios para celebrar as alegrias e as tristezas geradas quando a bola alcança o fundo do gol. Podemos entendê-lo como uma parte muito importante da cultura brasileira. Assim, o futebol, conforme o desenvolvimento das Ciências Humanas e dos campos de estudo sobre esse esporte, passou a ser compreendido como um fenômeno social. Em torno disso, diversos estudiosos se dedicaram a pesquisar sobre as relações entre o futebol e a sociedade brasileira, analisando historicamente questões amplas e importantes. Dentre estas questões, a pesquisa sobre identidade racial e ascensão social ocuparam um lugar de destaque.

Assim, este trabalho tem como proposta analisar o documentário *O Negro no Futebol Brasileiro*, para entender questões de como a identidade negra é associada ao futebol no Brasil e nessa relação, compreender o projeto de ascensão social. Para isso, vamos nos debruçar historicamente sobre o futebol e as temáticas abordadas no documentário, analisando as questões raciais presentes, sua relação com o livro homônimo do Mário Filho (em que o documentário foi baseado) e também entender as relações que estabelecem com os dias atuais. Como a história do futebol é extensa, seria mais complexo trabalhar todas as temáticas e por isso foi preciso fazer um recorte temporal. Dessa forma, busquei trabalhar as origens do esporte, questões e atletas negros presentes na primeira metade do século XX, a Copa do Mundo de 1950 e o início da jornada de Pelé. Por conta disso, cabe aqui uma contextualização do que abordei em cada capítulo.

No primeiro capítulo, é feita uma análise do surgimento do futebol e seu desenvolvimento inicial aqui no Brasil. Perpassando sobre a origem e suas características, introduzo como o esporte está atrelado a sociedade e como, a partir dele, podemos entender as relações raciais após a abolição da escravidão e início da república brasileira. Nele, introduzo como o futebol foi um dos primeiros meios a incorporar diversos setores sociais em uma área em que era reservado as elites e se tornou um meio de ascensão social para uma população marginalizada e que vive a herança da escravização.

Nesse capítulo inicial, é feito também uma introdução sobre a fonte desse trabalho, o documentário *O Negro no Futebol Brasileiro*, atingindo suas características e desenvolvimentos de forma ampla. Logo após, introduzo os principais atletas negros que adentraram no início do esporte e foram muito importantes para incorporação da população negra em um ambiente restrito aos brancos. Por fim, abordo sobre o surgimento da seleção brasileira, perpassando o início das Copas do Mundo e as trajetórias brasileiras até chegar na Copa do Mundo de 1950, que ocorreu no Brasil.

No segundo capítulo é debatido a questão racial na formação da sociedade brasileira, com um olhar histórico, social e cultural. Procuo entender as heranças da colonização e escravidão, o processo de identidade e o racismo estruturado no Brasil, principalmente na primeira metade do século XX. Nesse mesmo capítulo, buscarei entender como se desenvolveu a sociedade pós-abolição e também compreender o mito da democracia racial presente no Brasil, com uma atenção também a década de 1950. Para isso usarei autores importantes do meio acadêmico brasileiro que comentam sobre esse período, como Florestan Fernandes e Abdias do Nascimento.

Logo após a abordagem dessa temática, debruçarei em entender o pioneirismo dos atletas negros e o desenvolvimento do futebol, compreendendo jogadores como Leônidas da Silva e Domingos da Guia. Eles foram importantes em um período de transformação do esporte e analisa-los, junto com outros jogadores, é imprescindível. O próximo ponto é uma análise sobre a Copa do Mundo de 1950 e toda a questão racial ao redor de uma das derrotas mais doídas no futebol de todos os tempos. Por fim, o último ponto do capítulo dois, foi trabalhado sobre a figura do rei do futebol: Pelé. Nele, abordo sobre seu surgimento após a copa de 1950, sua vida e sua caminhada rumo ao título da Copa do Mundo de 1958, o primeiro título do Brasil. Ao longo desses pontos citados aqui nesse parágrafo, foram usados trechos do documentário como guia da temática abordada.

Por fim, no último capítulo, o foco será abordar o documentário e suas perspectivas, em que primeiramente faço uma análise mais detalhada. Depois, busco entender as escolhas feitas pelo diretor, utilizando de algumas conversas e entrevistas que tive com ele por meio remoto. Logo após, faço uma análise

sobre o Mário Filho e o seu livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, que foi usado como guia e inspiração para o documentário. Por fim, faço uma relação do documentário com os dias atuais, já que as discussões presentes nessa obra cinematográfica contribuem muito e são importantes para entendimento da atualidade.

## CAPÍTULO 1 - FUTEBOL NO BRASIL: INÍCIO E DESENVOLVIMENTO

### O Início do Futebol

Inegavelmente, o futebol possui uma posição de destaque no mundo contemporâneo. Ele influencia milhares de pessoas, sendo possível notar sua importância em grande parte dos territórios. Para entender isso, torna-se necessário voltar a atenção ao seu início e o seu desenvolvimento.

Ao longo da história, muitas dinâmicas parecidas com o futebol atual foram relatadas. Com diversos objetivos, esses jogos faziam parte das suas respectivas sociedades e tinham seus significados. Entre esses inúmeros relatos, vou citar alguns.

Nos territórios onde hoje é a China, mais especificamente na Dinastia Han (206 C – 220 DC), surgiu um esporte chamado *Cuju*. Em sua tradução literal ela significa “chutar a bola”, mas a lenda em torno do seu surgimento, conta que o Imperador Huangdi, após vencer Chiyou em uma batalha, arrancou seu estômago, colocou palha e deu aos soldados para chutar. O *Cuju* hoje raramente é jogado, apenas para turismo e comemorações, mas anteriormente no seu modo competitivo, eram seis jogadores em cada time e tinham 6 buracos, com o objetivo de levar a bola para dentro do buraco. Quem fizesse mais pontos, ganhava.

Outro jogo de bola foi o *TLATCHTLI*, que fez parte da cultura na Mesoamérica pré-hispânica e permanece em algumas regiões. Segundo Lemos:

O jogo de bola era conhecido pelos mexicas como **tlachtli** – o espetáculo do sagrado, pois transcendia em seu significado e representava a atualização do combate cosmológico fundamental para sobrevivência da humanidade. (LEMOS, 1995, p.55)

Esse jogo tinha um sentido religioso, representando conceitos antagônicos, como dia e noite, tanto que o campo de bola representava o céu e os anéis representava a entrada e saída do sol. Era jogado em grupo e tinha como objetivo levar a bola para dentro dos anéis.

Muitos outros jogos com bolas foram registrados em outras regiões<sup>1</sup>, mas na cultura indo-europeia são dois jogos mais relevantes e que adquiriram uma importância maior aos estudiosos. O primeiro surgiu na Grécia Clássica, chamado *Epyskiros* e foi registrado no século IV A.C. Ele era praticado em um campo retangular, com duas equipes e uma bola de ar/areia. Depois desse jogo, surgiu na Roma no século III A.C o *Harpastum*, que inicialmente era para fortalecer a parte física e tática dos soldados, mas depois se difundiu por outras regiões. Esses jogos foram apenas resumidos, pois não tenho objetivo nesse trabalho de aprofundar nas temáticas dos jogos de bola antes do futebol e sim contextualizar a importância.

Esses jogos citados anteriormente mostram que, cada uma das práticas, estão atreladas aos seus respectivos contextos culturais e sociais, permitindo condições singulares e por isso não cabe dizer que são jogos antepassados ao futebol. Hilário Franco Júnior diz que:

A limitação metodológica da noção “jogos ancestrais do futebol” poderia ser resumida em uma questão: por que nenhuma daquelas modalidades conhecidas no Oriente, na América ou na Europa pré-industrial desembocou em algo semelhante ao futebol moderno? A resposta parece não gerar dúvidas? Porque jogos com bola são manifestações antropológicas, não específicas de determinado povo e determinada época, enquanto o futebol tal qual o conhecemos hoje resultou de um conjunto de fatores presentes apenas na Inglaterra do século XIX. (JÚNIOR, 2007, p.20)

Para entender o futebol moderno, precisa-se voltar os olhos a Inglaterra do século XIX, que foi quando sua trajetória começou. Esse esporte é a representação da cultura inglesa, pois seu desenvolvimento e adaptações ao longo do século representam muito o quadro social e cultural do período. Precisamos analisar também o quadro histórico, voltando as atenções para a Revolução Industrial, visto que seu surgimento também ocorreu na Inglaterra. Quando nos atentamos a dinâmica da Revolução Industrial e do futebol, vemos características como a competição, divisão de funções/posições, produtividade

---

<sup>1</sup> Na própria Inglaterra, a cidade de Ashbourne, abriga uma tradição antiga chamada *Royal Shrovetide Football*. Consiste em um jogo com bola, em que milhares de pessoas se dividem em dois times e jogam um jogo medieval.

e regras definidas, ou seja, o futebol representava as mudanças que vinham ocorrendo na sociedade inglesa. Entre 1848 e 1912 as regras e táticas foram se alterando, como adoção de goleiro, de árbitro, da lei de impedimento, duração e muitas outras, típicas das características abordadas nesse parágrafo.

O surgimento e a organização do futebol na Inglaterra são atribuídos à elite da época, mas conforme seu desenvolvimento, o esporte passou a atingir todas as classes sociais e com destaque aos operários. Assim, vemos a criação de diversos times ingleses de trabalhadores e que permanecem até os dias atuais, como Manchester United e Arsenal. Além disso, o esporte se espalhou por outras regiões da Europa, para depois chegar na América Latina, tanto que inúmeros times de outras regiões têm referências inglesas.

No Brasil, assim como na Inglaterra, o início do futebol é atribuído à elite do período. O seu surgimento é atribuído ao paulistano Charles Miller no ano de 1894. Ele viajou ainda criança para as terras inglesas e retornou trazendo alguns equipamentos usados no futebol, como bolas e chuteiras. Nesse início, vê-se um destaque nas regiões de São Paulo e depois no Rio de Janeiro. Esse pioneirismo futebolístico passou a ser limitado pelas elites da época, pois o futebol também era relacionado a modernidade europeia, de modo que apenas pessoas com condições sociais parecidas podiam praticar. Isso apenas escancarava um país com uma desigualdade social enorme e com marcas da escravização que se carrega até hoje.

Dessa forma, no início do século XX, o futebol no Brasil começou a se espalhar e se tornou um sucesso, acessando todos os âmbitos da sociedade. Pequenos comerciantes e operários começaram a formar times, mas ainda era um ambiente restrito por pessoas brancas, em que um ou outro jogador negro se destaca e jogava. Como veremos mais para frente, o futebol vai refletir a sociedade, desigual e racista, em que os jogadores negros foram adentrando aos poucos e buscando seu espaço, convivendo em um ambiente segregador e com resquícios até os dias atuais.

### **Um olhar sobre o Documentário**

A partir de agora, irei desenvolver uma análise mais profunda sobre o documentário *O Negro no Futebol Brasileiro*. Essa série documental foi

produzida e lançada no ano de 2018, contém quatro episódios que tem em torno de 1 hora cada. Ela é baseada no livro homônimo do jornalista e escritor Mário Filho. Coprodução da HBO Latin America com a Filmes do Equador e tem o seu diretor e roteirista Gustavo Acioli. O documentário aborda de forma cronológica, iniciando na década de 1890(1894) e estendendo-se até os dias atuais. Reúne relatos de jogadores, ex-jogadores, jornalistas, historiadores ao longo dos episódios, sendo que foram selecionados trechos do Mário Filho e que são lidas pelo diretor, para guiar a obra. O documentário também reúne vídeos e imagens de lances, jornais e entrevistas de todos os períodos, fortalecendo ainda mais as histórias relatadas e deixando a obra mais interessante. As músicas selecionadas foram produzidas pelo músico Robson Miguel, em que desenvolveu vários estilos musicais e suas evoluções, representando a cultura negra ao longo da história.

O documentário *O Negro no Futebol Brasileiro* conta desde o surgimento do futebol no Brasil, como foram as trajetórias dos jogadores negros ao longo de sua história. Assim, ele apresenta fatos que foram importantes para que os negros fossem alcançando seu espaço em um esporte em que era reservado às elites e aos brancos. Dessa forma, essa obra cinematográfica apresenta passagens do livro, complementado com imagens e vídeos de época, relatos de jogadores e ex-jogadores, e o conhecimento de historiadores e jornalistas. Nele é possível observar temas para entender a questão racial no Brasil pós-abolição, como as questões da emancipação social do negro na sociedade brasileira foram se refletindo no futebol, e que de muitas formas se conectam com o cenário atual. O documentário como um objeto de pesquisa se dá devido à atualidade de seu conteúdo. Os seus realizadores partem da tese central da obra de Mário Filho – a saber, que o futebol se constituiu o principal veículo de ascensão social de jovens negros pobres – e investigam como estas questões são pensadas e se fazem presente na atualidade.

### **Introdução aos Atletas Negros brasileiros**

O futebol, como já abordado, começa a se desenvolver no Brasil no final do século XIX e começo do século XX. Isso quer dizer que os seus primeiros

passos em território brasileiro se dão próximo à assinatura da Lei Áurea pela Princesa Isabel no dia 13 de maio de 1888 e que extinguiria a escravidão no Brasil. Apesar disso, após a assinatura, pouco (ou nada) foi feito para que a vida dos ex-escravos e suas famílias sofressem uma reparação aos danos causados em tantos anos de sofrimento. O racismo continuava velado na sociedade e isso refletia e ainda reflete no dia a dia. Assim, pode-se entender muitas características do Brasil pós-abolição estudando o futebol e o seu desenvolvimento ao longo dos anos, chegando até os dias atuais.

O futebol em seu início passa a ser exclusivo da elite, principalmente paulistana e carioca. Mas inegavelmente ele começa ao longo dos próximos anos a criar espaços em todos os âmbitos sociais e nota-se que no início do século XX o esporte já era febre nas ruas de São Paulo e Rio de Janeiro. Tudo isso começa a refletir, pois novos jogadores e clubes começam a aparecer, apesar de terem clubes que eram exclusivos brancos e outros que começam a incorporar jogadores negros. O racismo é escancarado e esse surgimento mostra como foi um processo difícil e de muito preconceito.

Mário Filho, em seu livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, mostra com os seus relatos grandes jogadores negros que foram se destacando, buscando seu espaço em um mundo elitista e branco. Alguns deles como: Francisco Carregal, Marcos Mendonça, Carlos Alberto, Friendenriech, Gradin<sup>2</sup>, Leônidas da Silva, Domingos da Guia, Pelé, Garrincha e muitos outros.

Mostrando como o jogador negro foi buscando seu espaço em um ambiente totalmente branco, Mário Filho relata algumas histórias de pessoas em que ele denomina “mulato” (no dicionário significa “que ou aquele que é filho de pais de etnias diferentes, sendo um negro e outro branco.”) e que tomaram algumas atitudes para participar desse ambiente racista e serem aceitos. Em seu livro e no documentário *O Negro no Futebol Brasileiro* mostra um dos primeiros

---

<sup>2</sup> Isabelino Gradin ou somente “Gradin”, foi um dos primeiros jogadores negros que jogou pela seleção do Uruguai. Ele era um craque e no ano de 1916 jogou o Campeonato Sul-Americano de Futebol pelo seu país, sendo considerado por muitos um dos primeiros ídolos negros. Mário Filho em sua obra, aborda muito sobre o Gradin quando a sua seleção veio jogar um campeonato em terras brasileiras e já mostrando seu talento. No documentário também é mostrado a qualidade do jogador.

jogadores que se foi registrado no início do futebol em um time, em que se chama Francisco Carregal. Mário Filho o caracteriza da seguinte forma:

Brasileiro com cinquenta por cento de sangue preto. O pai, branco, português, a mãe, preta, brasileiro. Francisco Carregal, talvez por ser brasileiro e mulato, o único brasileiro, o único mulato do time, caprichou na maneira de vestir. Era o mais bem vestido dos jogadores do Bangu. Um verdadeiro dândi em campo. (FILHO, 2003, p.32)

Nessa fala ele mostra que o jogador negro em seu início tinha que buscar alguns meios para facilitar e ser aceito nesse meio elitizado e branco, ou seja, para adentrar necessitava se parecer mais como eles (brancos). O seu time *The Bangu Athletic Club*, nascido em 1904, começou a dar seus primeiros passos e no início do time, tinham apenas jogadores imigrantes brancos e o único brasileiro e negro era Francisco Carregal. Mário Filho diz que:

William Procter podia descuidar-se, Francisco Carregal, não. No meio de ingleses, de portugueses, de italianos, sentia-se mais mulato, queria parecer menos, quase branco. Passava perfeitamente. Pelo menos não escandalizava ninguém. (FILHO, 2003, p.33)

Outro jogador citado na obra de Mário Filho é o jogador Carlos Alberto, que jogava no América, mas não era muito percebido por lá. Depois foi jogar no Fluminense, um dos grandes clubes do início do século XX e pouco (ou nada por muito tempo) aceitava jogadores negros no período. Carlos Alberto, negro, passou a ser mais percebido por conta do Pó-de-arroz. Os jogadores quando entravam em campo, iam saudar a arquibancada e esse era o momento em que ele mais temia e Mário Filho comenta:

Era o momento que Carlos Alberto mais temia. Preparava-se para ele, por isso mesmo, cuidadosamente, enchendo a cara de pó-de-arroz, ficando quase cinzento. Não podia enganar ninguém, chamava até mais atenção. O cabelo escadinha ficava mais escadinha, emoldurando o rosto, cinzento de tanto pó-de-arroz. (FILHO, 2003, p.60)

Dessa forma, o América (ex-clubes de Carlos Alberto) quando ia jogar contra o Fluminense, a torcida passou a gritar “pó-de-arroz” e esse apelido

acabou passando ao time, mesmo quando o jogador não entrava em campo. Ou seja, mostrando como o racismo estava interiorizado.

Um pouco mais para frente surge também Arthur Friedenreich, uma das primeiras grandes estrelas brasileiras do período, jogando até 1933. Segundo Mário Filho:

Friedenreich, de olhos verdes, um leve tom de azeitona no rosto moreno, podia passar se não fosse o cabelo. O cabelo farto mas duro, rebelde. Friedenreich levava, pelo menos meia hora amansando o cabelo. (FILHO, 2003, p.61)

**Figura 1-** Friedenreich



Fonte: O Negro no Futebol Brasileiro – Episódio 1, 2018, min. 31:40

Mário Filho conta que ele era sempre o último a entrar em campo por conta de tudo isso que fazia para se arrumar, nesse processo de se aproximar mais dos brancos. Foi um jogador com mais sucesso, principalmente após ganhar o sul-americano de 1919 pela seleção brasileira, em que fez um gol e passou a ser apelidado de “EL TIGRE”. Um dos grandes ídolos desse início, tinha raízes negras em um ambiente racista, em que aos poucos, mais jogadores negros foram se destacando e entrando nos times. Friedenreich merece destaque, pois foi um dos primeiros a se sobressair num ambiente em que permitiam somente brancos, apesar de sofrer com o racismo estruturado na sociedade e que fazia esconder ou maquiar suas raízes.

O início do futebol no Brasil era amador e isso permaneceu até a década de 1930 e sua profissionalização ocorreu depois de muitos percalços. Essa

transformação do futebol amador para o profissional era uma necessidade, sendo que as famílias ricas conseguiam bancar seus filhos que apenas estudavam e conseguiam treinar e jogar futebol. Ou seja, o amadorismo permitia que a elite continuasse de forma predominante, pois os mais pobres precisavam trabalhar e não conseguiam se dedicar ao futebol. Além disso, as quantidades de times e jogadores bons passaram a aumentar, e com a profissionalização isso permitiria a manutenção e contratação de novos jogadores. Assim, o futebol amador passou a ser insustentável, pois no processo de profissionalização passaram questões financeiras, sociais e principalmente o racismo

Alguns clubes foram importantes para essa transformação, como o Vasco da Gama que surgiu no futebol por comerciantes portugueses e que começou a colocar jogadores negros em seu time. E assim em 1923, no primeiro ano em que estava jogando a principal liga, foi campeão em cima de times que eram exclusivos brancos. Eles praticavam o que era chamado no período de “amadorismo marrom”, em que alguns jogadores recebiam informalmente para jogar futebol e não precisavam trabalhar. Além disso, muitos recebiam as refeições que eram feitas nesses comércios e assim podiam treinar e se destacar fisicamente. Esse título do Vasco bagunçou o cenário futebolístico, principalmente no lado carioca, em que os outros principais times buscaram alternativas para impedir esse sucesso, mas vemos que essas medidas não deram certo por muito tempo. Tanto que o profissionalismo no futebol brasileiro ocorreu no ano de 1933

Outro fato interessante para se observar é que mesmo após o futebol se tornar profissional, os clubes elitizados arranjaram uma forma de exclusão. Era muito comum os clubes terem sócios que desfrutavam de certas regalias e, após a profissionalização, a forma de a elite excluir, principalmente os negros, eram tratando os atletas apenas como funcionários e só permitindo que eles jogassem bola e saíssem por outra porta, para não conviver no mesmo ambiente que os brancos. Nas décadas de 1920 e 1930 alguns jogadores negros se destacaram como Fausto, Domingos da Guia e principalmente Leônidas da Silva (que vão ser abordados mais adiante)

## **Surgimento da Seleção Brasileira, o início das Copas do Mundo e a edição de 1950**

A FIFA (Federação Internacional de Futebol Associado) é uma instituição internacional responsável por dirigir o futebol (e outras modalidades como futsal e futebol de areia). No dia 21 de maio de 1904, após um cenário internacional favorável para seu surgimento, ela foi criada em Paris e foi idealizada por um francês chamado Robert Guérin (primeiro presidente) e por um holandês chamado Carl Anton Wilhelm Hirschman (primeiro vice-presidente). Os países que fundaram foram: França, Holanda, Espanha, Dinamarca, Bélgica, Suécia e Suíça. A Alemanha, apesar de não ter tido representante presencial, aderiu mesmo a distância. Nos anos seguintes, outros países entraram na entidade, como a Inglaterra, que apesar de ser contra a criação da FIFA, entrou em 1906 e a África do Sul, que foi o primeiro país a se filiar sem ser europeu, no ano de 1910.

No ano de 1914, o Brasil vivia um tempo de disputas, diferenças e rivalidades regionais no futebol, principalmente entre Rio de Janeiro e São Paulo. A seleção brasileira criada nesse mesmo ano, foi um ponto importante para ir aos poucos construindo a ideia de identidade nacional. O primeiro jogo da Seleção foi um time com jogadores do eixo Rio - São Paulo em que enfrentaram e venceram uma equipe Inglesa chamada Exeter City por 2 a 0. Esse jogo aconteceu no Estádio das Laranjeiras. Nesse mesmo ano a seleção ganhou a Copa Roca, disputada em Buenos Aires, capital da Argentina e que hoje equivale ao “Superclássico das Américas”. E o primeiro título relevante da Seleção Brasileira foi o Sul-Americano de 1919 e que hoje é equivalente a Copa América. Foi um título ganho em cima do Uruguai, no Estádio das Laranjeiras e gol do título foi marcado por Friedenreich. Momento importante registrado por Mário Filho em sua obra e também no documentário, já que abordam a grande figura de Friedenreich e também a conquista desse campeonato foi importante para colocar o “El Tigre” como um dos primeiros grandes ídolos brasileiros.

Desde o surgimento da FIFA, a ideia de criar um campeonato em que reunisse diversas seleções já era esboçada, mas ela realmente foi se concretizar no ano de 1930. Após a FIFA perceber uma movimentação de alguns países em

criar um campeonato de seleções a parte, ela concretizou a ideia de fazer uma Copa do Mundo para não perder o direito de organizar um campeonato internacional e anunciou que ela aconteceria no Uruguai. Isso gerou uma tensão entre as seleções europeias e latino-americanas, pois muitos países se recusaram a participar do campeonato por conta da sede. O Uruguai nesse período era bicampeão olímpico e prometia construir um estádio para a Copa do Mundo e pagar as viagens e estadias de todas as seleções, por isso foi escolhido para sediar a Copa do Mundo. Participaram treze seleções, com o formato de fase de grupos, divididos em três de grupos de três times e um grupo de quatro. Classificavam somente o primeiro colocado de cada grupo diretamente para semifinal e depois a final. Classificaram Uruguai, Argentina, Estados Unidos e Iugoslávia, sendo que o Brasil foi eliminado na fase de grupos, pois ficou em segundo lugar. Foram para final Uruguai e Argentina e os donos da casa venceram por 4 a 2, sendo os primeiros campeões do torneio.

No dia 13 de maio de 1932, a Itália foi escolhida para sediar a Copa do Mundo de 1934, durante um congresso da FIFA em Estocolmo, Suécia. Os italianos eram governados pelo governo fascista de Benito Mussolini e que perdurou entre os anos de 1922 a 1943. Era a primeira copa que aconteceria em terras europeias e foi feito especialmente para levantar o orgulho nacional e engrandecer ainda mais o regime fascista. Para isso, colocaram na Federação Italiana de Futebol um general e além disso, construíram dois estádios (Florença e Turim) e reformaram outros. Houve arbitragens duvidosas, inclusive na final entre Itália e Tchecoslováquia, o trio de arbitragem fez a saudação fascista.

Nesse campeonato, diferente do primeiro, houve um grande interesse dos europeus, tanto que precisou fazer um classificatório para determinar os 16 participantes. As vagas foram: 12 para Europa, duas para América do Sul, uma para América do Norte e Caribe e uma para África e Ásia. Uma das grandes ausências dessa Copa do Mundo foi o Uruguai, pois quiserem dar o troco do que os europeus fizeram no campeonato anterior e assim, eles também resolveram recusar o torneio. A forma de disputa era mista, com oitavas de final, quartas de final, semifinal e final, com jogo único. A seleção Italiana chegou à final contra a Tchecoslováquia e venceu com um gol na prorrogação. O Brasil, em meio as discussões sobre amadorismo e profissionalismo no futebol, vivia uma crise que

chegou até prejudicar a seleção. A Seleção Brasileira perdeu para a Espanha no primeiro jogo por 3 a 1, sendo eliminada e o gol brasileiro foi marcado pelo grande Leônidas da Silva, que ficará conhecido anos depois como “Diamante Negro”. Leônidas, um dos maiores jogadores negros de todos os tempos, e que aparece recorrentemente no documentário ‘O Negro no futebol Brasileiro’ e no livro homônimo do Mário Filho.

No dia 13 de agosto de 1936, a França foi escolhida para sediar a Copa do Mundo de 1938. Diversos investimentos estruturais foram feitos, reformaram estádios e os franceses junto com a FIFA, desejavam que fosse um torneio com mais futebol e menos política, comparado ao anterior. Porém, mundialmente muitos conflitos estavam rolando, como na Espanha, que vivia um Guerra Civil e não pôde participar. A Áustria passou a ser anexada como território dos alemães, cedeu jogadores a Seleção Alemã e também não participou. Outros países também foram assim. Havia tensões no futebol entre a Europa e a América, em que o Uruguai ainda com o mesmo discurso sobre o boicote de 1930, não quis participar. Também havia a insatisfação da Argentina, pois ela estava como uma das sedes possíveis para a copa de 1938. Havia um princípio de rodízio entre os continentes para sediar, mas com a escolha da França, isso estava sendo deixado de lado e por conta disso, a Argentina desistiu de participar e ainda liderou para que outros desistissem também. Dessa forma, só Brasil e Cuba foram participar dessa Copa do Mundo.

A Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1938 foi bem, principalmente comparada aos anos anteriores. Com Leônidas da Silva e Domingos da Guia como as grandes estrelas, o Brasil venceu na estreia por 6 a 5 da Polônia nas oitavas de final e venceu por 2 a 1 a Tchecoslováquia com um dos jogos mais violentos. Na semifinal, sem Leônidas da Silva que estava lesionado e contra os italianos, o Brasil levou a pior e perdeu por 2 a 1. O racismo, que seria institucionalizado depois por Mussolini já mostrava as caras, quando nos jornais indicavam que a inteligência italiana, vencida a força bruta dos negros, se referindo aos brasileiros A Seleção Italiana, ainda influenciada pelo fascismo, venceu a Hungria na Final por 4 a 2 e levou o bicampeonato. Uma das situações mais famosas foi a de que Mussolini, antes da final acontecer, mandou um

telegrama para seus jogadores dizendo “Vencer ou Morrer”. Além disso, o artilheiro da competição foi o brasileiro e negro Leônidas da Silva com sete gols.

A Segunda Guerra Mundial, que ocorreu entre os anos de 1939 até 1945, fez com que as duas Copas do Mundo (1942 e 1946) não ocorressem. A de 1942 não ocorreu, pois estavam no meio da guerra e seria muito difícil as seleções se enfrentarem. E a de 1946, que apesar da guerra já estar finalizada, os países não tinham condições por todo o resultado que ela tinha causado. A próxima Copa do Mundo estava marcada para 1949, mas foi adiada por um ano e acontecendo somente em 1950. A Alemanha, uma das candidatas para sediar, desistiu por conta de todos problemas gerados depois da Segunda Guerra Mundial e dessa forma, a sede escolhida foi o Brasil.

A quarta edição da Copa do Mundo no ano de 1950 ocorreu no Brasil. Nesse ano, o presidente do país era Eurico Gaspar Dutra (1946 – 1951) e mundialmente vivia-se o período da Guerra Fria (conflito político-ideológico que perdurou após o fim da Segunda Guerra Mundial até o fim da União Soviética em 1991)

Um dos maiores templos do futebol, o Estádio do Maracanã, denominado em 1966 como Estádio Jornalista Mário Filho, foi construído para esse torneio que aconteceria no Brasil. Inaugurado no dia 16 de junho de 1950, ainda com as obras inacabadas, a seleção carioca perdeu por 3 a 1 para a seleção paulista. Nessa Copa do Mundo, muitos países importantes deixaram de participar, como a Argentina, que ainda frustrada por não ter sido sede, se recusou e também pelo diversos confrontos e incidências com os brasileiros disputados na década de 1940. Alguns países comunistas, a Alemanha, França, Portugal e muitos outros, desistiram de participar também. Uma atenção especial para Inglaterra, que disputou o primeiro Mundial de sua história.

A Copa do Mundo ocorreu com 13 seleções, com a disputa de forma mista, em que a primeira fase foi dividida em grupos. Eram quatro grupos, dois com quatro seleções, um com três e um duas seleções. As seleções se enfrentavam em turno único, sendo que apenas o primeiro se classificava. Os primeiros colocados passavam para próxima fase, em que era dividido em um grupo com os quatro classificados e eles se enfrentavam em turno único. O Brasil

contava com Barbosa, Castilho, Augusto, Nena, Juvenal, Bigode, Nilton Santos, Bauer, Danilo, Eli, Rui, Noronha, Friaça, Alfredo, Zizinho, Maneca, Ademir, Baltasar, Jair, Adãozinho, Chico, Rodrigues e com o técnico Flávio Costa. Na primeira fase venceu de 4 a 0 contra o México, depois empatou 2 a 2 contra a Suíça e venceu por 2 a 0 da Iugoslávia. Passando para a próxima fase, venceu a Suécia por 7 a 1 e os espanhóis por 6 a 1. Estava indo para o último jogo contra o Uruguai necessitando apenas do empate ou da vitória para ser campeão.

Na final entre Brasil e Uruguai existia um clima de que os anfitriões já eram campeões e com uma certeza jamais vista nas copas. Jornais já anunciavam a vitória dos brasileiros e a sensação do povo era de o título já era uma realidade. Por ser ano de eleições estaduais e nacional, os políticos aproveitaram o momento para aumentar seu prestígio, pois além de tudo, também tinham certeza de que o Brasil seria campeão e assim, inúmeros foram assistir os jogos para contemplar esse momento. A final, disputada no Estádio do Maracanã e com em torno de 200 mil espectadores, o Brasil começou ganhando com gol do Friaça no começo do segundo tempo, mas Schiaffino empatou aos 21 minutos e Ghiggia virou aos 34 minutos. O Brasil perdeu de 2 a 1 por um Uruguai em uma das derrotas mais sofridas da história, com um silêncio absurdo no fim do jogo e que se sente até os dias atuais. Essa derrota rendeu muitas críticas ao time, mas a culpa caiu sobre três jogadores negros que foram: Barbosa (goleiro), Juvenal (zagueiro) e Bigode (lateral). O racismo presente e escancarado, reforçando a ideia preconceituosa de que jogadores negros não podiam jogar na seleção, que eram inferiores aos brancos, que não tinham psicológicos e não podiam jogar em posições de confiança (como o goleiro).

## **CAPÍTULO 2 – Questão racial no Brasil: atletas negros e o racismo**

### **Heranças da colonização, escravidão, identidade e racismo.**

Para captar os processos que serão estudados, com uma atenção maior para o século XX, torna-se necessário abordar nesse capítulo algumas questões raciais importantes para entendermos as singularidades presentes na história brasileira. Dessa forma, a análise iniciará compreendendo as origens, partindo desde o período colonial. Para isso, Aimé Césaire propõe alguns diálogos que nos ajuda a entender o período colonial brasileiro. Segundo o autor, o processo da colonização significa: “Colonização: testa de ponte numa civilização da barbárie donde, pode, em qualquer momento, desembocar a negação pura e simples da civilização.” (CÉSAIRE, 1978, p.21). O Brasil, colonizado pelos portugueses, sofreu as barbáries geradas por esse processo, como próprio autor comenta:

Entre colonizador e colonizado, só há lugar para o trabalho forçado, a intimidação, a pressão, a polícia, o imposto, o roubo, a violação, as culturas obrigatórias, o desprezo, a desconfiança, a arrogância, a suficiência, a grosseria, as elites descerebradas, as massas aviltadas. (CÉSAIRE, 1978, p.25)

Assim, povos nativos foram dizimados e escravizados, juntamente com milhões de escravizados que foram trazidos a força do continente africano para o Brasil. Tudo isso foi traduzido por Césaire na fala anterior e que culminou em diversas heranças para os séculos seguintes. O Brasil deixou de ser uma colônia em 1822, mas a escravidão institucionalizada foi terminar somente em 1888 com a Lei Áurea, sendo que a primeira lei abolicionista foi criada em 1850 (Lei Eusébio de Queiroz). O movimento abolicionista brasileiro, passou a ganhar forças a partir de 1870, com desenvolvimento de organizações, grupos e pessoas relevantes, como o poeta Castro Alves.

Abdias do Nascimento aborda sobre a escravidão praticada no Brasil e em um dos seus capítulos comenta sobre o “O Mito do Senhor Benevolente”, na qual ele inicia dizendo sobre o papel do escravo para o desenvolvimento econômico do Brasil, pois sem ele a estrutura econômica não teria existido,

referindo ao ciclo do açúcar, as minerações, ao ciclo do café e toda essa mobilidade e força de trabalho praticada pelos escravizados. Nesse caso, o mito abordado pelo autor, refere-se ao fato de que por muito tempo viam esse sistema escravocrata brasileiro com um caráter benigno, pois o colonialismo, praticado pelos portugueses, usou formas para disfarçar as violências causadas. Essas formas, segundo o autor, foram a “mentira e a dissimulação”, disfarçando o racismo por meio de algumas designações, como: colocar Angola, Moçambique e Guiné-Bissau como “Províncias de Ultramar” e o Indigenato, que principalmente fazia com os africanos assimilassem a cultura e identidade portuguesa.(NASCIMENTO, 1978, p.48-50) Outro mito citado pelo autor para minimizar as culpas da colonização perpassa na ideia de bondade na escravidão praticada pela igreja católica na América Latina, pois diziam que as colônias portuguesas e espanholas foram opostas (menos violenta) a que aconteceu nos Estados Unidos(NASCIMENTO, 1978, p.51-52). Só que o mito mais propagado foi a da “democracia racial”, que será abordada especificamente no próximo ponto.

Na escravidão ocorrida no Brasil, Abdias do Nascimento também aborda sobre a mulher africana, em que ele diz que os escravos representavam apenas uma função econômica, que é o uso da sua força de trabalho. Por conta disso, os africanos escravizados não eram tratados como seres humanos, pensando na construção de uma família, pois as proporções de homens escravos eram maiores do que a de mulheres e as que sobravam, estavam proibidas de ter qualquer relação familiar mais estruturada. (NASCIMENTO, 1978, p.61). Dessa forma, a mulher africana sofria exploração sexual do senhor escravocrata, sendo uma característica repugnante dessa colonização.

Também em meados do século XVIII surgem teorias deterministas raciais, que indicavam critérios para estabelecer diferenças sociais por meio da ciência, ou seja, usavam um embasamento científico para determinar inferioridade da população negra. Entre as teorias, uma das principais usadas no século XIX é o Darwinismo Social. Ela se baseia no Darwinismo, que é uma teoria evolucionista das espécies e que acredita que o ambiente, por meio da seleção natural, determina características importantes para a espécie sobreviver, sendo que o mais adaptado sobrevive e dissemina essa característica. Assim, apropriaram dessa ideia para justificar a superioridade de uma raça contra a outra.

No século XIX, quando houve uma transição do trabalho escravo para o livre, essas teorias ganharam mais forças e no Brasil adentrou fortemente. O racismo estava escancarado, só que agora com ideais “científicos” e que mantinha as desigualdades sociais. Após a Lei Áurea (1888) e a Proclamação da República, com promessas de liberdade e igualdade, o que aconteceu foi uma transformação para a exclusão da população negra<sup>3</sup>. Nomes como Nina Rodrigues e Euclides da Cunha baseavam muitas suas ideias nessas teorias eugenistas. Nesse período, entre o final do século XIX e início do XX, a miscigenação não era vista com bons olhos, pois acreditavam que ela afundaria a nação, ou se não, uma miscigenação que fosse cada vez mais branca. Essas teses de branqueamento foram difundidas por pelo menos até os anos de 1930. Vemos nessa época (final do século XIX e início do XX) que milhares de imigrantes chegaram ao país, pois eram incentivados e também apostavam no “branqueamento” da população.

A partir da década de 1930, o mestiço passou a ser um símbolo nacional e parte da identidade brasileira, em que “teoricamente” passava uma visão de valorização da população negra. Mas isso não passava da teoria, pois na prática, o racismo estava (e ainda está) estruturado na sociedade. Essa identidade perpassa a ideia de uma democracia racial (que vai ser comentada mais adiante) existente no Brasil, principalmente desenvolvida e baseada a partir da obra de Gilberto Freyre, escrita em 1933, “A Casa-grande e Senzala”. Encontraram nessa relação e miscigenação, uma característica “singular” e que fazia parte da identidade brasileira, como forma de intensificar o nacionalismo a partir desse aspecto.

A partir dessa ideia da cultura mestiça como a grande representação brasileira, percebe-se que no Brasil passam a manipular uma imagem de que a escravidão tinha sido “boa”, pois desenharam uma ideia de que os senhores foram benevolentes e os escravos eram fiéis. Ou seja, criaram uma ideia de que a escravidão teve mais aspectos positivos, do que negativos, sendo que é difícil imaginar alguma vantagem nesse sentido. Lilia Moritz Schwarcz, em sua obra

---

<sup>3</sup> Rui Barbosa ordenou em 1890 que todos registros sobre a escravidão fossem queimados e que faziam parte dos arquivos nacionais. Esse fato impediu de que muitos dados e pesquisas fossem desenvolvidos.

“Nem preto nem branco, muito pelo contrário: Cor e raça na sociabilidade brasileira”, diz sobre como foi esse período a partir dos anos 1930:

Para além do debate intelectual, tudo leva a crer que, a partir dos anos 1930, no discurso oficial “o mestiço vira nacional”, ao lado de um processo de desafrikanização de vários elementos culturais, simbolicamente clareados. Esse é o caso da feijoada, naquele contexto destacada como “prato típico da culinária brasileira”. A princípio conhecida como “comida de escravos”, a feijoada se converte em “prato nacional”, carregando consigo a representação simbólica da mestiçagem. (SCHWARCZ, 2012, p.45)

Como exemplo da feijoada, pode-se também exemplificar outros, como a capoeira, que foi bastante reprimida no começo da república, mas depois na década de 1930 tornou uma modalidade nacional e o samba, que primeiramente também era reprimida e depois passou a fazer parte da identidade brasileira. Além disso, outro exemplo da identidade brasileira vista internacionalmente foi quando criaram o personagem Zé Carioca na década de 1940 pela companhia estadunidense Disney. Ele representava a figura do malandro brasileiro, do samba e que se dá bem como todo mundo e mostrando essa identidade dos brasileiros.

Schwarcz comenta um ponto interessante para entendermos ainda algumas questões sobre raça, identidade e racismo:

Dito de outro modo: numa sociedade marcada historicamente pela desigualdade e separada pela distância de padrões confortáveis à consolidação da democracia, sobretudo no nível do mundo, da vida e da sociedade civil, a cor se estabelece no cotidiano e o racismo se afirma basicamente de forma privada. (SCHWARCZ, 2012, p. 51)

Permanecendo nessa ideia do mito de que havia no Brasil de uma harmonização entre as raças, fazendo parte da identidade brasileira, o racismo se consolidava ainda mais no âmbito privado. Na fonte desse trabalho, o documentário *O Negro no Futebol Brasileiro*, nos dá um exemplo no início do seu segundo episódio. Nesse momento estão abordando sobre o começo do futebol no Brasil, quando ela ainda era amador e estava na transição para o profissionalismo, entre as décadas de 1920 e 1930. Essa mudança para tornar o futebol um esporte profissional esbarrou em resistências, principalmente de

peças e clubes da elite, que tinham o poder de apenas jogarem futebol e sobreviverem com renda familiar. Outros clubes e pessoas, principalmente os negros, não tinham essa condição de viver com o futebol, pois não tinham outra renda para se manter. Assim, a elite queria manter sua predominância e segundo a fala o historiador Leonardo Pereira no documentário, as elites acreditavam que os negros não estavam preparados para uma profissionalização do futebol. (O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO – EPISÓDIO 2, 2018, min 8:30 a 8:56) Ou seja, mostrando o racismo presente nessas relações.

### **A População negra pós-abolição, democracia racial e a década de 1950**

Considerado por muito tempo e por muitas pessoas um ato libertador, a Lei Áurea assinada em 1888 para a libertação dos escravos não trouxe essa real liberdade declarada. Pelo contrário, essa liberdade foi transformada em sofrimento da população negra. Abdias do nascimento, em sua obra *O Genocídio do Negro Brasileiro*, comenta sobre “O Mito do Africano Livre” e fala sobre como foi esse processo do pós-abolição:

Atirando os africanos e seus descendentes para fora da sociedade, a abolição exonerou de responsabilidades os senhores, o estado, e a Igreja. Tudo cessou, extinguiu-se todo o humanismo, qualquer gesto de solidariedade ou de justiça social: o africano e seus descendentes que sobrevivessem como pudessem. (NASCIMENTO, 1978, p.65)

Dessa forma, essa ideia de liberdade para os escravos não existiu, pois não ocorreu nenhum amparo para reinserção dessa população a sociedade. Nenhuma garantia ou assistência foi dada para promover essa transição para o trabalho livre e essa população ficou marginalizada e excluída.

Florestan Fernandes, um grande sociólogo brasileiro, contribuiu muito para algumas temáticas desenvolvidas no século XX e será compreendido aqui. Ele, em sua obra “A integração do negro na sociedade de classes”, aborda como foi esse processo dos libertos após a abolição. Segundo ele, os modos com que a abolição ocorreu não favoreceu para que os libertos atuassem politicamente e exigissem seus direitos. Apesar do negro atuar decisivamente no processo revolucionário para abolição, eles serviram apenas de massa de manobra para

que os brancos combatessem o antigo regime, pois esse regime antes da proclamação da república passou a ser condenado por motivos econômicos, sociais e políticos pela elite branca que queria desfaze-lo. (FERNANDES, 2008, p.30).

Segundo Fernandes, também no lado econômico brasileiro, a abolição para os senhores foi um fato importante, pois tirou as obrigações e pendências que tinham com a escravidão. E no lado dos antigos escravos, essa transição para o trabalho livre impunham dois caminhos nas zonas de café, que eram: primeiramente, onde era uma produção baixa e mais tradicional, os libertos como não tinham lugar para ir e trabalhar, tinham que optar por trabalhar nesse antigo sistema de produção que remetiam condições de trabalho análogas à escravidão, realmente por subsistência. Segundamente, onde era um sistema de produção elevado, com uma organização de trabalho maior, os libertos para trabalhar, tinham que concorrer com os imigrantes (que chegam em massa da Europa no início do século XX) e com os trabalhadores nacionais (FERNANDES, 2008, p.31). Ou seja, disputavam contra pessoas que tinham outras trajetórias de vida, sofriam com o racismo estruturado na sociedade e muitas vezes se submetiam em quaisquer condições para sua subsistência. Toda essa conjuntura citada pelo autor foi prejudicial a essa população, já que nenhuma condição foi dada a eles para sobreviverem e por isso tinham que disputar e concorrer em ambientes que não estavam preparados. A população negra ficou largada ao seu próprio destino, já que o poder público se manteve indiferente ao que estava acontecendo.

Seguindo ainda as ideias de Florestan Fernandes, o autor também comenta sobre a expansão urbana ocorrida no fim do século XIX e começo do século XX, conduzida pelas produções de café que estava em alta, principalmente em São Paulo (lugar em que o autor prioriza seus estudos). Dessa forma, os imigrantes passaram a dominar a cidade e as oportunidades de trabalho, em que esses estrangeiros apareciam uma grande esperança para o progresso da época, pois eram considerados um fator de excelência para ocupar esse trabalho livre. Eles ocupam principalmente os trabalhos que eram ligados ao “progresso”, como engenheiro e arquiteto. Esse fato foi determinante para os negros nessa nova ordem após a abolição, pois esses imigrantes tiravam todos

os outros pretendentes desses trabalhos e restavam para o negro as oportunidades marginalizadas do sistema. Essa sociedade de classes abordada pelo autor permanece fechada e escancara ainda mais a desigualdade presente nesse sistema.

Nesse momento me debruçarei sobre o tema do “mito da democracia racial”. Tudo o que foi abordado nesse ponto e no anterior são importantes para entendermos todo o processo de um mito que perpassa esse século XX. Segundo Abdias do Nascimento, o conceito de democracia racial:

Segundo esta, tal expressão supostamente refletiria determinada relação concreta na dinâmica da sociedade brasileira: que pretos e brancos convivem harmoniosamente, desfrutando iguais oportunidades de existência, sem nenhuma interferência, nesse jogo de paridade social, das respectivas origens raciais ou étnicas. (NASCIMENTO, 1978, p.41)

Esse fato exposto se desenvolve após a abolição, principalmente pelo fato do racismo acontecido no Brasil ter traços singulares, diferentes do que era vistos em outros lugares, como o Estados Unidos. Esse racismo que se exala mais no âmbito privado. Também, na década de 1930 quando se desenvolve uma valorização da cultura mestiça no país, como um fator de identidade e nacionalidade e que amplifica e desenvolve esse mito de vivermos uma democracia racial.

Florestan Fernandes aborda sobre o mito da democracia racial e ele analisa pontos importantes para chegarmos ao entendimento dessa temática:

Desse ângulo, as debilidades históricas que cercaram a formação e o desenvolvimento inicial do regime de classes contam como muito mais decisivas para a preservação de grande parte da antiga ordem racial que as predisposições do branco de se precaver do negro livre. (FERNANDES, 2008, p. 305)

Portanto, ele diz que não teve nenhuma resistência organizada que fizesse com que os negros e brancos ficassem em antagonismo e posição de luta e que na verdade, foi mais omissão do branco do que ação, para permanecer com esses valores raciais. Também, ele completa dizendo que era fatal que todas as orientações continuassem ainda estabelecidas, por conta dessa

omissão citada e da passividade dos negros em aceitar a continuidade desse padrão, já que o regime pós-abolição não favoreceu para que ocorresse essa luta.

O autor cita também uma ambivalência do tratamento da população negra na nova ordem democrática, pois não tinha uma repulsa descarada, mas não eram aceitos em qualquer ambiente, ou seja, não queriam um tratamento igualitário para os negros, mas “acatavam” o novo sistema vigente democrático. Na prática isso era péssimo aos negros. Esse fato reforça a ideia já abordada aqui do racismo ocorrer na esfera privada, já que a abolição e o início da república, contribuiu apenas para camuflar e permanecer o padrão racial imposto no período da escravidão. Dessa forma, Fernandes também aborda sobre a essência desse mito:

A ideia de que o padrão brasileiro de relações entre “brancos” e “negros” se conformava aos fundamentos ético-jurídicos do regime republicano vigente. Engendrou-se, assim, um dos grandes mitos de nossos tempos: o mito da “democracia racial brasileira”. Admita-se, de passagem, que esse mito não nasceu de um momento para outro. Ele germinou longamente, aparecendo todas as avaliações que pintavam o jugo escravo como contendo “muito pouco fel” e sendo suave, doce e cristãmente humano. Todavia, tal mito não possuiria sentido na sociedade escravocrata e senhorial. (FERNANDES, 2008, p.309)

Difícil pensar em uma democracia racial numa sociedade que tinha uma relação entre senhor e escravo (antes da abolição). Dessa forma, quando houve a abolição e instaurou a República, perdeu-se essa razão legal que impediam essa ideia da democracia racial e foi assim que ele se expandiu. Apesar desses fatos em 1888 e 1889, os resquícios e o atraso da ordem social vigente no regime anterior, permaneceu na república, intensificando e legalizando o atestar que existia uma paz social, mas foi assim que esse mito atrapalhou ainda mais a reinserção do negro.

No período da década de 1950, Florestan Fernandes contribuiu muito para o desenvolvimento das análises raciais, principalmente por desmistificar o mito da democracia racial, por compreender as mazelas da sociedade e da luta de classes presentes no Brasil (principalmente em São Paulo) e toda desigualdade gerada. Lilia Schwarcz, reconhece a importância dos estudos de

Fernandes, mas diz que apenas essa análise econômica e com olhar para a questão de classes, não é o suficiente para entender toda essa análise racial do período. Além dessas questões abordadas, torna-se necessário também ter um olhar para outros âmbitos como a cultura, pois quando se fala de preconceito, resumidamente é uma valorização de forma negativa de marcadores sociais de diferença e dentro deles, incluir uma análise moral (SCHWARCZ, 2012, p.62). Então pensando nesse significado, as compreensões necessitam ser mais amplas. Mas como nesse momento vamos abordar sobre a década de 1950, o olhar se voltará a esses estudos desenvolvidos no período, por autores que escreveram e viveram a época, como Florestan Fernandes e Abdias do Nascimento.

O Brasil, principalmente após a década de 1930, tentava perpassar aos meios internacionais essa realidade da democracia racial vivida aqui. Como já abordado aqui, o racismo tinha a característica singular de ocorrer no âmbito privado, sem um caráter oficial como em outros lugares. Assim, no ano de 1951, a UNESCO<sup>4</sup>, pautada nessa característica exalada no meio internacional como o Brasil ser o país do convívio étnico-racial, aprovou um projeto e inaugurou o Programa de Pesquisas sobre Relações Raciais no Brasil. A ideia era entender esse “modelo” brasileiro e expandi-la a outras nações. Por conta disso foram chamados diversos especialistas para o projeto, como Costa Pinto, Roger Bastide e também um dos autores estudados aqui, Florestan Fernandes. Alguns autores até desenvolveram obras engajando essa ideologia esperada pela UNESCO, mas outros fizeram o contrário e mostraram que o Brasil, na verdade, não é um lugar de harmonia e sim um lugar de conflito, preconceito e muita desigualdade, como na análise de Fernandes.

Abdias do Nascimento, um grande intelectual brasileiro do século XX e já citado aqui, foi um dos grandes nomes da luta pelos direitos dos negros e da valorização da cultura afro-brasileira. Além de escrever e desenvolver análises importantes na temática racial, a sua vida pode ser estudada para entendimento das lutas raciais da época. Participou da Frente Negra Brasileira na década de

---

<sup>4</sup> UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, faz parte das Nações Unidas (ONU). Ela tem o objetivo de promover a paz e a segurança, usando a educação, ciência e cultura como base.

1930 e criou em 1944, o Teatro Experimental do Negro<sup>5</sup>, que foi uma das mais importantes entidades para luta do movimento negro na primeira metade do século XX. Ele, em sua obra “O Genocídio do Negro Brasileiro”, comenta alguns pontos importantes para entendermos a chegada na década de 1950. Pensando na questão econômica, ele aborda sobre o racismo imposto na luta pelos empregos. Até o ano de 1950, recorrentemente acontecia uma discriminação nos empregos pela lei consuetudinária, que basicamente são práticas e costumes que são aceitos como se fossem leis, mesmo sem ela ter sido registrada ou escrita. E assim, muitos empregos quando eram anunciados vinham escrito que não aceitariam pessoas de cor, ou seja, indicando esse racismo recorrente.

No ano de 1951 o deputado Afonso Arinos propôs uma lei antidiscriminatória e que foi aprovada pelo congresso. Mesmo essa lei formalizando a existência do preconceito no país e a punição para quem cometia, faltaram algumas questões importantes para deixá-la mais impositiva, como ter punições mais severas. Dessa forma, a discriminação ainda acontecia da mesma forma, mesmo nos casos de escolas e na do emprego citada anteriormente. Nessa questão dos anúncios de oportunidades de trabalho, os anunciantes adaptaram dizendo que só aceitavam trabalhadores com boa aparência. Ou seja, usando esse termo “aparência, só mascarava o racismo e mesmo com a Lei Afonso Arinos, o racismo continuou sendo praticado diariamente.

Abdias do Nascimento nos dá alguns dados estatísticos para entender a década de 1950, a partir do censo desse mesmo ano. Nesse período, a população do Brasil era de 51.944.397, em que eram distribuídos em 61.6% em brancos e 37.6% em negros e mulatos. Entre os empregadores, que detêm os meios de produção, os brancos atingem 82.66% e com 15.58% para os negros e mulatos. Na educação, esses dados são mais discrepantes ainda, em que todos os níveis de escolaridades, os brancos atingem mais de 90% e negros e mulatos atingem quase nada, chegando na universidade em apenas 0.6% de sua população (NASCIMENTO, 1978, p.83). Alguns detalhes importantes sobre

---

<sup>5</sup> O Teatro Experimental do Negro (TEN) surgiu no Rio de Janeiro com a proposta de valorizar o negro e a cultura afro-brasileira, usando principalmente a arte e a educação para promover esse objetivo.

esses dados é que após esse censo, não houve a inclusão de raça/etnia nos próximos, portanto não é possível conceber uma comparação com os próximos períodos. Outro fato é que como vive-se esses dados pela autodeclaração de sua cor/raça, muitas pessoas vivenciando essa época de racismo exacerbado, declarou-se ser branco mesmo não sendo. Nascimento estima que a partir dessas análises, na verdade 50% da população pertence a população negra, a partir das classificações fenotípicas.

Nos dados anteriores é possível ver a desigualdade exposta, tanto nos donos do meio de produção e principalmente no meio educacional, em que os negros quase não tinham acesso nesse período. No ano de 1950, em lugares no Brasil em que a grande maioria da população é negra, vemos a desigualdade da mesma forma. Abdias do Nascimento nos traz os dados do estado da Bahia, com uma população na época de, aproximadamente, quase 5 milhões. Desse todo, 70% eram negros e mulatos e os outros 30% eram brancos, mas como empregadores, os dados mostram a desigualdade, pois eram 51.9% para os brancos e 48.11% para negros e mulatos. Ou seja, mesmo a população negra sendo a maioria, eles não comandavam os meios de produção e até mesmo na educação, os dados eram desiguais, já que os brancos acessavam a universidade em 88.21% e os negros e mulatos somente 11.64% (NASCIMENTO, 1978, p.83). Até em lugares que os brancos são minorias, a economia e o estado ficam em suas mãos, mostrando o racismo estruturado e desmitificando a existência de uma democracia racial, já que essa desigualdade perpassa todas essas áreas e tira a representação da população negra em posições de decisões.

### **Análise do pioneirismo de jogadores negros brasileiros e o desenvolvimento do futebol**

Fausto dos Santos, mais conhecido como a “Maravilha Negra”, foi um grande jogador brasileiro. Jogou entre a década de 1920 e 1930 por equipes como o Vasco e a Seleção Brasileira, sendo um dos grandes craques nesse início. Ele vivenciou essa época relatada acima da transição do futebol amador

para o profissional e o Mário Filho na sua obra *O Negro no Futebol Brasileiro*, juntamente com o documentário, aborda um pouco sobre a vida desse jogador e o momento do futebol. Segundo Mário Filho, o Fausto não se divertia em campo, pois se matava de jogar futebol e na hora de receber uma premiação<sup>6</sup>, questionava-se sobre o dinheiro recebido, tendo em vista o que ele jogou e que o clube ganhava e nesse trecho ele deixa explícito:

O Cartola estava dando tudo ou estava dando apenas uma parte? O “bicho” variando, um dia galo, outro dia uma vaca. Fausto molhando a camisa do mesmo jeito, por um galo, por uma vaca. Nunca sabia quanto ia ganhar. Estava na vontade do cartola dar mais ou dar menos.

O pior era que Fausto não podia dizer nada. Para todos os efeitos era um amador, um empregado do comércio, vivendo do seu emprego, não jogando futebol por dinheiro, e sim por amor ao clube. Tudo ao contrário: ele jogava futebol por dinheiro e não por amor ao clube (FILHO,2003, p.176)

Nesse registro é possível observar o quanto o futebol era usado, até mesmo antes da profissionalização, como um meio de ascensão social do negro. Mesmo Fausto se questionando sobre o seu papel no futebol, tinha que jogar para sustentar sua família e receber seu dinheiro, sem saber ao quanto iria ganhar e tinha que submeter as vontades dos dirigentes. Logo depois, Mário filho comenta que Fausto morava com a mãe e muitas vezes passavam necessidades, reforçando a exigência de estar sempre em busca de uma condição melhor. No documentário, esses trechos são apresentados e alguns comentários são feitos por alguns especialistas, como João Paulo Strepco, que é Historiador e comenta que esse amadorismo ainda presente no futebol era interessante aos dirigentes. Ele diz isso, pois o regime de trabalho imposto a esses atletas remetiam ao período da escravidão, em que ganhavam algum dinheiro ou presente por terem jogado futebol e tinham que fazer as vontades dos comandantes (O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO – EPISÓDIO 2, 2018, min. 7:12 a 8:28). Ou seja, esse fato mostra que mesmo com a abolição da

---

<sup>6</sup> As premiações extras nos jogos eram chamadas de “bicho” e hoje em dia, em muitos lugares, essa gíria ainda permanece.

escravidão, a ordem racial desse período continuou vigente, e assim proclamação da república veio para ajudar a camuflá-la.

Leônidas da Silva, um dos maiores atletas de futebol do mundo na primeira metade do século XX, foi um jogador extraordinário. Mais conhecido como “Diamante Negro”, Leônidas era um jogador negro que se destacou na década de 1930 e jogando até em 1950 em clubes como Vasco da Gama, Flamengo, Botafogo, São Paulo. Destacou-se também pela Seleção Brasileira, jogando Copa do Mundo e sendo artilheiro em vários campeonatos. Leônidas chama atenção na Copa Rio Branco de 1932, em que o Brasil jogou contra o Uruguai e ganhou com dois gols dele. Um jogador fantástico, driblador, artilheiro e considerados por muitos como inventor da “bicicleta”, pois executava essa difícil finalização com sucesso.

**Figura 2** - Bicicleta de Leônidas da Silva



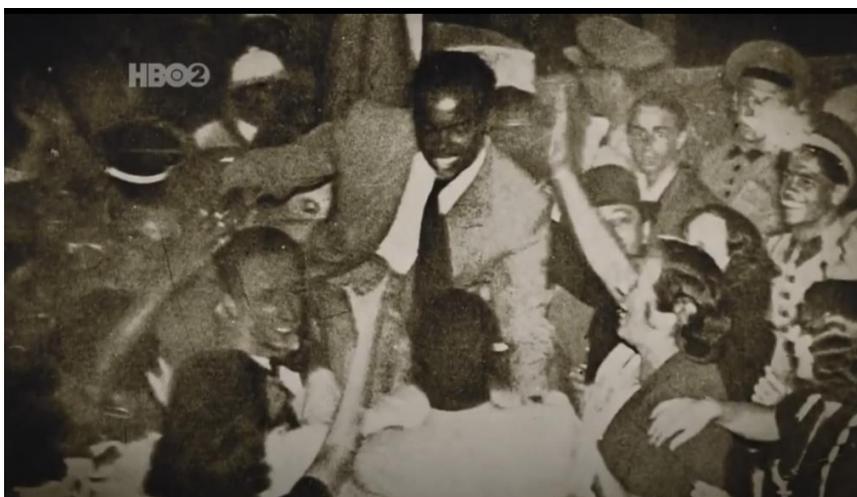
Fonte: O Negro no Futebol Brasileiro – Episódio 2, 2018, min.37:38

O documentário, em seu segundo episódio, exalta Leônidas da Silva, principalmente pelo motivo de a partir dele, começarem a criar no jogador brasileiro uma identidade, com o estilo de jogo único, por conta dessa exaltação da “mestiçagem” brasileira. Apesar de também ter jogado a Copa do Mundo de 1934 e ter feito o único gol da seleção brasileira, foi somente em 1938 que essa característica passa a ser mais exaltada, pois realmente foi a primeira copa que o Brasil jogou bem. O Brasil ficou em terceiro lugar e teve um jogador negro como artilheiro do campeonato (Leônidas da Silva) em um campeonato em que a Itália fascista foi campeã. Esse acontecimento tem um peso grande e João Máximo, no documentário, explica o motivo disso, falando que em 1938 vivia-se

uma política internacional terrível e que resultaria em guerra, ou seja, eram fascistas fazendo saudações e outros países reagindo. Além disso, ele complementa dizendo que o fato de Leônidas sair de lá com status de ídolo, mexia com o cenário mundial, já que estava jogando um campeonato na França e era totalmente contrário as ideias pregadas pelos fascistas e nazistas. Para finalizar, ele cita Gilberto Freyre, dizendo que ele caracteriza a seleção brasileira como um “anti-europeu” e sobre a malandragem do time, e Freyre analisa principalmente o destaque dos jogadores negros. (O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO – EPISÓDIO 2, 2018, min. 33:31 a 34:40)

Leônidas da Silva chega no Brasil após a Copa do Mundo de 1938 carregado pelo povo, realmente se tornando um ídolo. Tanto que a imagem dele foi muito explorada fora de campo, principalmente em anúncios e propagandas em muitos produtos, pois ele realmente chamava atenção do público. Foi jogador do período que mais se projetou fora de campo e Daniel Araujo, historiador presente no documentário, relata que Leônidas bateu de frente com o governo Vargas em relação ao alistamento militar e sofria muito com o preconceito no Rio de Janeiro, pois ele era negro e frequentava um espaço que tinham somente brancos, por ser jogador de futebol. Uma das imagens mais simbólicas citadas pelo historiador é quando ele é contratado pelo São Paulo, um time que era da elite da época e quando ele chega na Estação da Luz, os brancos dessa elite carregam um jogador negro nos ombros, mostrando uma inversão de quadros da época.

**Figura 3-** Leônidas da Silva sendo carregado pela elite paulista na Estação da Luz



Fonte: O Negro no Futebol Brasileiro – Episódio 2, 2018, min. 39:58

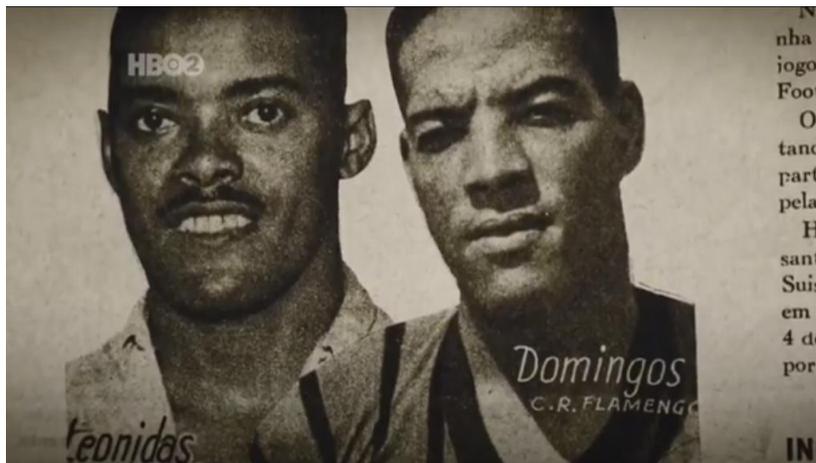
Nesse momento em que estão comentando sobre o Leônidas, surge outro jogador muito importante chamado Domingos da Guia. Um zagueiro excelente, considerado um dos melhores da história, jogou em clubes como Bangu, Vasco, Boca Junior, Nacional, Flamengo e Corinthians. Destacando-se a partir da década de 1930, Domingos da Guia foi um dos principais jogadores negros do período.<sup>7</sup>

Na Taça Rio Branco, já comentada aqui, junto com Leônidas da Silva, Domingos da Guia também foi destaque da Seleção Brasileira e eram os maiores representantes da década de 1930. Os dois representaram dessa identidade brasileira que foi desenvolvida nessa década, principalmente após a Copa do Mundo de 1938 em que Leônidas foi o artilheiro e Domingos da Guia foi um destaque também. Tanto que no jogo contra a Itália que o Brasil foi eliminado, Domingos fez um pênalti polêmico, que gerou um sentimento nos brasileiros de que teriam sido roubados. Houve uma massificação do futebol nessa época, utilizado até pelo Estado Novo de Getúlio Vargas e principalmente pela nacionalização do rádio, que passou a transmitir futebol no Brasil todo. O próprio Mário Filho, como uma pessoa influente no futebol, passou tentar popularizar o futebol, principalmente com o Flamengo que tinha um time de elite e não era tão massificado. Assim, esse clube contratou esses dois atletas do período, que jogaram juntos e se destacaram, ajudando nessa popularização do futebol e do Flamengo. Tudo isso foi citado no segundo episódio do documentário, usando vídeos e fotos desses momentos marcantes, como na figura a seguir.

---

<sup>7</sup> Mesmo sendo zagueiro, Domingos da Guia tinha a característica de sair driblando os atacantes adversários, em uma jogada que ficou conhecida como “Domingada”.

**Figura 4** - Leônidas da Silva e Domingos da Guia



Fonte: O Negro no Futebol Brasileiro – Episódio 2, 2018, min. 21:35

Esses grandes jogadores citados aqui foram representantes de uma época já abordada aqui, no qual é um período de valorização da identidade brasileira a partir do conceito de mestiçagem. Na teoria esse nacionalismo criado passava uma condição de valorização do negro no Brasil, mas que na prática não era executada dessa forma. O próprio exemplo desses jogadores que, por serem famosos, participavam de um ambiente restrito da sociedade e dos clubes, pois eram lugares direcionados a elite branca e que eles sofriam racismo, consolidando-se nesse ambiente privado.

Mostra-se também essa tese difundida pelo Mário Filho e pelo próprio documentário, de que o futebol passou a ser um ambiente de ascensão social do negro e esses jogadores são os exemplos mais claros de como isso foi se ampliando, principalmente pela massificação do futebol nessa década de 1930. João Paulo Strepaco confirma isso no documentário quando diz que na verdade essa formação de jogadores não é um processo de aptidões naturais e biológicas, e sim uma demanda de se especializar profissionalmente. Quando outros campos são interditados a população negra e ela não tem acesso para se desenvolver profissionalmente, tornam-se obrigados a se especializar em outros nichos, como vemos principalmente no futebol e no meio musical. (O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO – EPISÓDIO 2, 2018, min. 40:53 a 41:21 Ou seja, esse meio é uma oportunidade de ascender socialmente, sendo que ainda é visto esse processo nos dias de hoje.

## **A Copa do Mundo de 1950 e seus efeitos: uma análise social e racial**

A Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) fez com o futebol internacional se estagnasse, já que na década de 1930 tiveram as três primeiras Copas do Mundo e na década de 1940 não ocorreu nenhuma por conta da Segunda Guerra Mundial. A Copa do Mundo de 1950, ocorrendo novamente em terras sul-americanas, vinha acompanhada de uma política internacional muito instável, recuperando-se da destruição mundial ocorrida anos anteriores. O Brasil, sentia as consequências da guerra, mas apesar de ser considerado um país harmonioso entre as raças, sentia muito também as consequências de uma escravidão que gerou incontáveis danos a população negra, manifestando-se também na Copa do Mundo no Brasil no ano de 1950. O futebol está associado a todos os âmbitos da sociedade e os acontecimentos fora das quatro linhas pode-se percebido e explicado dentro dele.

A derrota para o Uruguai na final da copa de 50 foi uma das mais doídas da história, pois o sentimento de vitória já era exalado em todos os cantos antes do jogo acontecer. O Brasil vinha de duas vitórias elásticas antes da final, promovendo ainda mais esse sentimento, vencendo a Suécia por 7 a 1 e os espanhóis por 6 a 1. Chegava no jogo derradeiro contra os uruguaios com a vantagem de precisar somente empatar para levar o título, mas perderam por dois a um de virada. Essa final representou muita coisa e com ajuda do documentário *O Negro no Futebol Brasileiro* e do Mário Filho, com sua obra homônima, comentarei sobre ela.

A seleção brasileira dessa época contava com muitos jogadores negros, entre eles Bigode, Juvenal, Barbosa, Zizinho. Esse último foi um dos maiores craques da sua geração, sendo conhecido principalmente por ter sido um dos melhores jogadores da Copa de 1950 e do fato de Pelé dizer que ele era seu ídolo. Zizinho era um construtor de jogadas, sendo muito decisivo e ajudando o Brasil principalmente após a Copa de 1938 e até a de 1950. O jornalista João Máximo diz no documentário que muitos dos jogadores da seleção eram mestiços, mas diziam que eram brancos, como Jair Rosa Pinto, Bauer, Ademir e alguns outros. E que de todos os jogadores, o que merecia muito o

reconhecimento era justamente Zinho pela sua habilidade e simbolização do futebol da época. (O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO – EPISÓDIO 2, 2018, min. 45:24 a 46:00)

No documentário, o ex-jogador Zinho dá o seu relato sobre a Copa de 1950. Nisso, ele diz que o prefeito do Rio de Janeiro chegou no dia do jogo dizendo que tinha construído o estádio do Maracanã e como retribuição, eles tinham que ganhar o título. Zinho complementa dizendo que isso jogou muita responsabilidade aos atletas da seleção que iam jogar a final dessa copa. (O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO – EPISÓDIO 2, 2018, min. 48:09 a 48:55)

**Figura 5-** Relato de Zinho sobre a copa de 1950



Fonte: O Negro no Futebol Brasileiro – Episódio 2, 2018, min. 48:30

Quando o Brasil entra em campo para disputar essa final contra o Uruguai, necessitando apenas do empate e com o sentimento de que o título era certo, Mário Filho relata em sua obra que os torcedores ficaram apreensivos, já que o primeiro tempo acabou empatados e sem gols. O autor ainda diz:

Era a vitória, o zero a zero, era o campeonato do mundo. Mas ninguém se lembrava disso. Ou se lembrava apenas para sentir um nó na garganta, um frio no estômago, o medo, e mais do que o medo, a vergonha de um empate. Todos tinham ido ao Maracanã para ver outra goleada. Era o que esperavam milhões de brasileiros.

Os jogadores brasileiros bem o sabiam. E a goleada não saía, não havia jeito de sair. Finalmente veio o gol de Friaça. Não era a goleada mas era um gol, não era mais o empate (FILHO, 2003, p.288)

Após o Brasil abrir o placar foi uma festa só, todos comemorando juntos e já com a certeza do título mundial. A torcida queria uma goleada e aproveitando a euforia do momento, os jogadores foram em busca disso, como relata Mário Filho:

E os jogadores brasileiros foram para o mais um. Em vez do mais um, veio o gol de Schiafino. Gigghia avançou, Bigode foi recuando, recuando. Gigghia chegou à linha de fundo e deu a bola para trás, para Schiafino. Schiafino pegou a bola à meia altura, desviou-a, de leve.

Barbosa saiu do chão tarde. Estendeu as mãos, a bola já tinha tocado as redes. E os uruguaios todos se puseram a correr em volta do campo dando socos no ar. (FILHO, 2003, p.288)

Após esse gol, houve um silêncio gigantesco no Maracanã, pois apesar do empate ainda dar os títulos aos brasileiros, aquilo para torcida era uma vergonha. E logo depois, após esse primeiro gol e a apatia dos jogadores, Filho aborda sobre o pesadelo que completaria essa noite:

E foi em meio do silêncio mortal de duzentos e vinte mil brasileiros que Gigghia fez o segundo gol. Avançou como da primeira vez, Bigode recuando, recuando. Só que, quando Gigghia chegou quase junta da linha de fundo, Barbosa se lembrou do passe para trás do primeiro gol. Deu um passo à frete: se Gigghia centrasse, ele cortaria o centro.

Gigghia chutou para o gol A bola ia para fora, para as redes do lado de fora. Barbosa, porém, atirou-se e, quando sentiu que a bola passara, levou a mão esquerda para trás, para puxá-la, como às vezes fazia. Em vez de puxá-la, o que fez foi desviar-lhe, o caminho, de fora para dentro do gol (FILHO, 2003, p.288-289)

**Figura 6** - Derrota do Brasil para o Uruguai na final da copa de 1950



Fonte: O Negro no Futebol Brasileiro – Episódio 2, 2018, min. 53:50

Após a virada e o Brasil tentar o empate, o título foi dos uruguaios. Isso causou uma comoção de todos os torcedores, com pessoas chorando e esbravejando. Saindo do estádio já culpando o Bigode e Barbosa pelos gols levados. Juvenal também foi lembrado e culpabilizado pelos lances capitais do jogo. Filho também comenta que Varela, no começo do jogo, gritou com Bigode e conseguiu desestabilizar e deixar passivo um jogador que tinha uma característica intensa. Ou seja, os bodes expiatórios escolhidos pela derrota da Copa do Mundo de 1950 foram três jogadores negros: Bigode, Barbosa e Juvenal. Os outros negros que compunham o time ficaram de fora dessa culpa maior.

Assim, alguns motivos elencados para essa derrota, perpassam na ideia de que o jogador negro não poderia assumir uma posição de confiança, de que não conseguiam estabilizar emocionalmente e psicologicamente em momentos que eram necessários, ou seja, criava-se essa ideia de o Brasil não conseguiria conquistar o título pelo motivo do negro falhar. Analisando friamente os lances dos gols, pode-se encontrar detalhes técnicos que os jogadores não executaram e permitiram os uruguaios a ganhar o jogo, mas o que realmente é possível entender em toda essa derrota é que o racismo se escancarou e não foi apenas uma coincidência a culpa ter caído em três negros.

Essa ideia de que o negro falhava e não podia confiar se remete aos tempos da escravidão, em que era reproduzido essa desconfiança pelo racismo

contra a população negra. Vemos a sociedade e todo seu preconceito se reproduzir dentro do futebol. Confirmando o que foi abordado sobre a inexistência de uma democracia racial no Brasil, sendo exatamente o contrário, mostrando um país racista que intensifica ainda mais esse preconceito no privado. As posições defensivas no futebol como zagueiro e goleiro remetem a uma posição que não admitem erros, pois qualquer descuido pode se tornar um gol do adversário. Mas no caso da Copa de 1950 vai além dessa discussão. Marcel Tonini no documentário diz que essa discussão sobre o fato do jogador negro poder atuar como zagueiro ou goleiro remete a discussão de que essas posições são cargos de confiança, e conforme abordado aqui, não confiavam em pessoas negras. Ele completa dizendo que esse pensamento não é do futebol e sim da sociedade, vindo do período da escravidão o fato de não poder confiar em jogadores negros. E termina falando que isso está além do jogo e que de alguma forma é reproduzido dentro de campo. (O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO – EPISÓDIO 2, 2018, min.1:00:00 a 1:00:33)

Angélica Basthi no início do terceiro episódio do documentário faz um panorama interessante sobre o que está sendo abordado aqui e começa explicando sobre o motivo dos jogadores negros terem sido culpados na derrota da final da Copa do Mundo de 1950. Ela diz que havia essa crença de que jogadores negros não tinham capacidade e estrutura emocional para lidar com situações de extremas tensões, sendo que esse pensamento tem uma base racista pelo fato de inferiorizar a população negra. Na conclusão do seu argumento, ela diz que o futebol foi um meio que serviu para consolidar esse pensamento preconceituoso. (O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO – EPISÓDIO 3, 2018, min. 4:01 a 4:37)

Partindo dessa última fala de Basthi, pode-se mostrar alguns exemplos que mostram essa consolidação desse pensamento. Primeiramente, pelo fato do goleiro brasileiro Barbosa ter sido culpabilizado pela derrota e da posição desse jogador ser considerada de confiança no futebol, vê-se que após ele, quase não houve oportunidade para um goleiro negro defendendo a seleção brasileira. Após Barbosa, só ano de 1966, quando o goleiro Manga jogou uma partida pela Copa do Mundo, um arqueiro negro defendeu o Brasil na segunda metade do século XX. Demoraram 56 anos após Barbosa para um goleiro negro assumir a

posição de goleiro da seleção brasileira e foi o Dida. Dida no documentário diz que desde quando começou a se profissionalizar no futebol, escutava os conselhos das pessoas de não tomar gol entre ele e a trave, pois foi assim que o Brasil sofreu um dos gols na final de 1950. (O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO – EPISÓDIO 2, 2018, min. 57:33 a 58:04 Ele ainda diz mais para frente que na vida dele a questão racial pesou, justamente por ser um goleiro, e quando chegou na seleção brasileira, percebeu que ainda tinha aquele preconceito de um goleiro que passou pela seleção e foi culpado pela derrota, mas que isso não o abalou e fez o seu melhor para defender seu país. (O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO – EPISÓDIO 2, 2018, min.1:00:45 a 1:01:14) O ex-goleiro Aranha completa esse assunto dizendo sobre o Dida, enaltecendo-o pela importância que teve, pois rompeu com uma barreira que era imposta por muitos anos e chegou ao ápice do jogador de futebol. Finaliza dizendo que ganhou muitos títulos importantes e o respeito, superando descrédito em cima dele e abrindo caminho para outros goleiros (O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO – EPISÓDIO 2, 2018, min. 1:01:18 a 1:01:45). Tudo isso mostra o racismo estruturado na sociedade e refletindo no futebol.

Ainda nos dias atuais é possível perceber como esse racismo ainda persiste na sociedade e no futebol. O jornalista Marcos Luca Valentim publicou no portal “GE” uma matéria<sup>8</sup> que traz dados que indicam a escassez de goleiros negros nos campeonatos brasileiros em todas as edições até a data da reportagem. Ele mostra que até o começo do ano de 2021, em 62 edições do Campeonato Brasileiro, apenas 13 goleiros negros foram campeões jogando de titular. Nos times que jogavam a série A naquele período da reportagem, dos 72 goleiros, entre titulares e reservas, 56 eram brancos e 16 eram negros. Com os dados mostrando desde a primeira edição do campeonato brasileiro (1959) e com os dados de um campeonato atual, comprova o quanto esse racismo está consolidado na sociedade.

---

<sup>8</sup> VALENTIM, Marcos. Em 62 edições do Brasileirão, Hugo é apenas o 13º goleiro negro campeão como titular. **GE**, 2021. Disponível em: < <https://ge.globo.com/blogs/ubuntu-esporte-clube/post/2021/02/27/em-62-edicoes-do-brasileirao-hugo-e-apenas-o-13-goleiro-negro-campeao-como-titular.ghtml> > Acesso em: 11/07/2022

## Surgimento de Pelé e Garrincha após a Copa do Mundo de 1950: trajetória e o primeiro título do Brasil na Copa do Mundo em 1958

Figura 7- Pelé e a eterna camisa 10



Fonte: O Negro no Futebol Brasileiro – Episódio 3, 2018, min.8:46

Edson Arantes do Nascimento, mais conhecido como Pelé, é considerado por muitos o maior atleta futebolístico de todos os tempos. Tricampeão da Copa do Mundo (1958, 1962 e 1970), ganhador de inúmeros títulos, artilharias e recordes que perduram até os dias atuais. O Rei do Futebol, como também é conhecido mundialmente, foi um jogador que quebrou barreiras dentro e fora de campo. Mesmo após mais de 50 anos de sua aposentadoria (1971), a idolatria e reverência ao Pelé ainda é presente, ainda mais que foi considerado o Atleta do Século.

Pelé nasceu em Três Corações (MG) e depois mudou para Bauru (SP) com sua família. Seu pai também foi jogador de futebol, ficando conhecido como Dondinho e sua mãe se chamava Celeste. Mário Filho mostra em sua obra um trecho que aborda sobre esse início do jogador e essa passagem também é lida no documentário:

Pelé teve uma escola de futebol. Primeiro a bola de meia, depois a bola de concurso de figurinha, menor do que a da Liga, finalmente a bola grande, de campeonato. Com onze anos estava calçando chuteiras. Já fazia da bola o que queria. Desde os cinco anos andava às voltas com a redonda. Quando teve a primeira bola de verdade dormiu abraço a ela, como se ela fosse uma mulher.

Dondinho foi o primeiro professor. Embora gostasse de enfeitar uma jogada, para que era o Dondinho falado, ao filho desaconselhava a firula. (FILHO, 2003, p.334)

Destacando-se desde Bauru, o ex-jogador Valdemar de Brito<sup>9</sup> já destacava a figura de Pelé e Filho relata isso:

Foi o que espantou mais Valdemar de Brito: a maturidade de Pelé. Um menino de doze anos que parecia um homem pela maneira de jogar. E pensar. Por isso, já treinando Pelé, sendo um segundo pai para ele, Valdemar de Brito disse a Petronilho:

- Lá em Bauru tem um garoto que joga mais do que nós dois jogávamos juntos.

Pelé tinha, então, treze anos. Para Valdemar de Brito já era o maior jogador do mundo. Nunca vira ninguém fazer com a bola o que o garoto Pelé fazia. O mais insólito é que sabendo fazer tudo, tudo mesmo, no jogo se limitava ao indispensável. Era um clássico no melhor sentido (FILHO, 2003, p.335)

Pelé já se destacava pelas suas habilidades desde quando era um menino, sendo levado para o Santos em 1956 e estreando em um amistoso contra o Corinthians no dia 7 de setembro, já marcando dois gols. Na seleção brasileira sua estreia foi em 1957 contra a Argentina.

Ainda na década de 1950, outro jogador negro surgiu para o futebol e foi muito importante naquela época, estando na prateleira dos maiores jogadores da história. Manuel Francisco dos Santos, conhecido como “Mané Garrincha” ou só “Garrincha”, foi um atacante rápido que se destacou pelos seus diversos dribles. Lembram de Garrincha também pelas suas pernas, já que uma era maior que a outra e também eram flexionadas para o lado, ou seja, falam que ele tinha as “pernas tortas”. Com essas características, Garrincha jogou pelo Botafogo do Rio de Janeiro desde a sua estreia em 1953 até o ano de 1965. Na seleção brasileira estreou em 1955, conquistando o bicampeonato da Copa do Mundo (1958 e 1962) e tendo apenas uma derrota, que foi na sua última partida em

---

<sup>9</sup> Valdemar de Brito foi um jogador brasileiro que jogou em clubes como São Paulo, Palmeiras, Flamengo, Seleção Brasileira e muitos outros. Foi um excelente treinador e descobridor de novos talentos, tanto que acompanhou a jornada de Pelé desde a sua infância.

1966. Ganhou diversos outros campeonatos, artilharias e destaques. Mário Filho comenta sobre o Garrincha em sua obra:

Era um jogador que tinha vindo da Raiz da Serra, que só jogara em pelada, que tinha uma perna oito centímetros maior do que a outra e que só se mantinha em pé, e andava e corria com a bola porque, antes fazia um verdadeiro arco da perna mais comprida até colocá-la da altura da mais curta.

Um jogador assim aparecia só de longe em longe. Por um milagre. Não ia servir muito a Gentil Cardoso. Garrincha dava um drible, a multidão caía na gargalhada, pois o marcador ficava estendido no chão. Mas Garrincha continuava a driblar. Gostava de ter a bola nos pés, de correr com ela, não queria largá-la. (FILHO, 2003, p.310-311)

Garrincha, um jogador sensacional, que junto ao Pelé construiu uma nova história no futebol brasileiro que permanece até os dias atuais. Reinventou o esporte com suas características singulares. O seu apelido veio do nome de um pássaro muito comum encontrado na região em que ele cresceu, chamado Garrincha e podendo ser conhecido por outros nomes populares em regiões diferentes. Eduardo Galeano<sup>10</sup> comenta sobre Garrincha:

Nunca Houve um ponta-direita como ele. No Mundial de 58, foi o melhor em sua posição. No Mundial de 62, o melhor jogador do campeonato. Mas ao longo de seus anos nos campos, Garrincha foi além: ele foi o homem que deu mais alegria em toda a história do futebol. (GALEANO, 2020, p.106)

Os dois jogadores comentados nesse ponto, Pelé e Garrincha, usaram o futebol como um meio para ascender socialmente, já que vinham de famílias humildes. Foram grandes jogadores, acessaram lugares que muitos negros não acessavam, sofreram com racismo e deram visibilidade e oportunidade para a população negra que sempre foi marginalizada na sociedade e principalmente por quebrar paradigmas que se reforçaram com os jogadores negros após a Copa do Mundo de 1950.

---

<sup>10</sup> Eduardo Galeano foi um grande escritor e jornalista uruguaio, autor de diversos livros, como “As Veias Abertas da América Latina”.

**Figura 8-** Garrincha e Pelé

Fonte: O Negro no Futebol Brasileiro – Episódio 3, 2018, min. 16:02

Desde o surgimento do futebol no Brasil e o seu desenvolvimento na primeira metade do século XX, pode-se observar como o racismo estruturado na sociedade se reflete no esporte. Aparecendo de formas diferentes, mas sempre tentando marginalizar o negro e excluí-lo. A derrota na final da Copa do Mundo de 1950 escancarou esse racismo e consolidou ainda mais os pensamentos preconceituosos na sociedade. A ideia de que o negro falhava e não era confiável, por isso o Brasil não ganharia um título mundial, disseminou-se ainda mais nessa derrota contra o Uruguai em 1950.

Na Copa do Mundo seguinte, ocorrida no ano de 1954 na Suíça, O Brasil tentou recomeçar sua nova caminhada. Por isso, fez algumas mudanças impactantes, sendo uma delas terem trocado o técnico e a outra foi alterar a cor do uniforme. O Brasil usava a cor branca, só que após a copa de 1950 foi considerada azarada e assim, trocaram o uniforme para o amarelo (cor principal da camiseta que tinha detalhes verdes) e que é usada até os dias atuais. Além disso, o time acompanhava a desconfiança advinda do campeonato anterior que descredibilizou, principalmente, os jogadores negros. Nesse campeonato, o Brasil ganhou a primeira partida e empatou a segunda, classificando em primeiro no grupo para as quartas de final. Nessa fase a seleção brasileira enfrentou a Hungria, uma das favoritas ao título, que tinha Puskás<sup>11</sup> como grande jogador do time, e acabou perdendo por 4 a 2, em um campeonato em que a Alemanha

---

<sup>11</sup> Ferenc Puskás foi um dos grandes jogadores do futebol mundial e, por conta dele, o prêmio que a FIFA elege o gol mais bonito da temporada se chama “Prêmio Puskás”.

Ocidental foi campeã. Essa eliminação brasileira reforçou ainda mais o racismo contra os jogadores negros.

Até a chegada da Copa do Mundo de 1958, muita desconfiança disfarçada de racismo era depositada nos jogadores negros brasileiros. Antes disso, muito se comentava sobre a performance nas copas anteriores e o jornalista João Máximo comenta sobre o preconceito sofrido pelos atletas, em que ele diz no ano de 1956 quando o Brasil fez uma excursão, comentavam que os brasileiros eram emotivos e que o futebol, pode ser comparado a uma guerra, pois exigem nervos frios. E que por conta disso, o jogador brasileiro, principalmente o negro, era muito sentimental e apegado a família, mas que na “guerra” ele poderia não aguentar. Máximo completa sua frase dizendo que havia um relatório da CBD, mas que hoje está desaparecido, e que alegava a característica do negro de ser sentimental e familiar, com uma saudade de casa e ele finaliza dizendo isso como se fosse uma espécie de banzo. (O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO- EPISÓDIO 3, 2018, min. 5:22 a 6:16) Esse relato mostra a discriminação presente até na instituição que regia o futebol brasileiro e todo esse pensamento disseminado na sociedade.

O Brasil ganha a Copa do Mundo de 1958 pela primeira vez em meio ao cenário descrito anteriormente. Eduardo Galeano caracteriza essa copa como:

Os suecos puderam ver as partidas nos estádios e também suas casas. Pela primeira vez uma Copa foi transmitida pela televisão, embora só tenha chegado ao vivo aos suecos: o resto do mundo recebeu-a depois.

Aquela foi, também a primeira vez que um país ganhou a Copa jogando fora de seu continente. No Mundial de 58, a seleção brasileira começou mais ou menos, mas se tornou demolidora a partir do momento em que os jogadores se rebelaram e impuseram ao técnico a equipe que eles queriam. Então, cinco reservas viraram titulares. Entre eles, Pelé, um adolescente desconhecido, e Garrincha, que já trazia muita fama do Brasil e tinha brilhado muito nos jogos anteriores[...] (GALEANO, 2020, p.104)

O Brasil ganhou o primeiro jogo, empatou o segundo e somente no terceiro jogo que Pelé e Garrincha entraram no time. João Máximo, assim como Galeano na citação anterior, comenta sobre esse processo no documentário,

dizendo que não havia outra opção, pois Dida e Mazola estavam fora por estarem com medo, então o Paulo Machado de Carvalho convence o Feola de colocar o Garrincha e o Pelé para jogar contra a União Soviética. Para finalizar, ele diz que esse fato é a afirmação final e definitiva disso. (O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO – EPISÓDIO 3, 2018, min. 7:05 a 7:32) Assim, o Brasil ganha esse jogo para se classificar e também alcança a vitória nas quartas de final e na semifinal. No jogo derradeiro, os brasileiros vencem a Suécia por 5 a 2, com dois gols de Pelé, sendo que semifinal ele tinha feito três.

O escritor José Miguel Wisnik aparece no documentário dizendo que 1958 é a reversão do que aconteceu em 1950, pois ele explica que quando era criança sentiu isso em São Vicente, na frente do Cine Maracanã, em que ele presenciou papéis picados caindo do céu e sem edifícios por perto, ou seja, isso significava uma chuva simbólica de alguma coisa que se reencontra com as próprias potencialidades. Assim, ele comenta sobre as qualidades dos brasileiros no futebol e que se reencontraram no título de 1958 após anos de descréditos e preconceitos. Wisnik ainda completa esse assunto dizendo que aquilo era na verdade uma realização palpável daquilo que ele ficou sabendo depois, que era a virada daquele complexo de vira-latas e da derrota de 1950, pois depois daquilo o futebol brasileiro foi verdadeiramente revelado. (O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO – EPISÓDIO 3, 2018, min. 9:37 a 10:31)

Pelé e Garrincha foram os grandes símbolos daquele título, principalmente pois eram atletas negros que voltavam ídolos da Suécia. Eles foram importantes representantes e a Jornalista e escritora Angélica Basthi, comenta no documentário que Pelé resgatou a autoestima do negro brasileiro. Luiz Carlos Barreto complementa a frase dela começando uma metáfora de que Pelé e Garrincha foram os psicanalistas da sociedade brasileira, pois diz que eles derrubaram o muro do preconceito racial (principalmente por conta dos últimos anos) e comparou-os com Bolívar (libertador das américas), dizendo que eles foram os libertadores do psicossocial brasileiro. (O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO – EPISÓDIO 3, 2018, min. 15:49 a 16:20)

Pelé, com 17 anos, tornou-se o jogador mais jovem a ser campeão dessa competição e se tornando a grande estrela do futebol brasileiro. Além da sua importância dentro de campo, fora dele abriu caminhos, pois representava toda

uma população marginalizada e que até os dias atuais ainda é. A sua representação e visibilidade inspirou e abriu caminho para muitas pessoas. Maria Lúcia da Silva, psicanalista e diretora do Instituto AMMA Psique e Negritude, comenta sobre o fato de ter alguém de projeção (referindo-se a Pelé) e que quando essa pessoa traz consigo o seu povo, torna-se um ato muito importante para a população, ou seja, ela indica a importância da representação de Pelé para população negra. (O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO – EPISÓDIO 3, 2018, min. 33:35 a 33:43) Para finalizar esse ponto, Mário Filho em sua penúltima página de seu livro, comenta sobre o rei Pelé e sua representação:

Os que o admirassem pelo mundo afora teriam de admirá-lo como preto. Não queria ser melhor do que ninguém. O preto não era melhor do que o branco, o branco não era melhor do que o preto. E ele era preto. Deus dera-lhe a cor, mas lhe dera Dondinho e dona Celeste, vovó Ambrosina e tio Jorge. Para que ele fosse mais do que um preto. Para que ele fosse “o Preto”

E ajudasse, pela admiração que despertava, como jogador e como homem, a quebrar barreiras raciais. Clubes de todo o mundo sonham com um Pelé, com um preto. Querendo Pelé, sonhando com um Pelé foram se acostumando com o preto. A querer um preto, mesmo que não fosse Pelé. (FILHO, 2003, p.342)

## **CAPÍTULO 3 - O Negro no futebol brasileiro: O documentário e suas perspectivas**

### **Análise do documentário: um olhar sobre as temáticas abordadas**

A partir de agora, irei desenvolver uma análise mais profunda sobre a fonte desse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que é o documentário *O Negro no Futebol Brasileiro*. Essa série documental, dividida em quatro episódios com uma duração aproximadamente de uma hora cada, trata diversas questões importantes, usando como guia a obra do Mário Filho. Para compreendermos melhor tudo o que foi dissertado até aqui, creio ser importante uma abordagem pelas temáticas presentes em cada episódio. O documentário aborda de forma cronológica, contando desde o início do futebol na década de 1890 e como todos os fatos refletiram até os dias atuais.

O primeiro episódio começa com um panorama histórico, social e cultural do período que marca o início do desenvolvimento do futebol no Brasil. Essa abordagem, com relatos de historiadores e jornalistas, perpassa em entender o momento social após a abolição da escravatura e proclamação da república que os brasileiros viviam e que o futebol passa a se desenvolver. Quando o futebol se desenvolve no fim do século XIX e começo do século XX, havia passado poucos anos da abolição em que a Lei Áurea foi assinada, ou seja, torna-se possível entender a nossa sociedade pós-abolição estudando o futebol, pois reflete fortemente nesse esporte. Então quando o futebol chega ao Brasil, atribuído a Charles Miller na cidade de São Paulo no ano de 1894, que era uma pessoa branca e da elite, o futebol passa a ser exclusivo da elite branca do país. Assim, nesse primeiro episódio, comenta essas questões apontadas acima e como isso foi refletindo na sociedade. Apesar de ser um futebol exclusivo da elite, reconhecia-se que esse esporte chegava a todos os âmbitos sociais e que no começo do século XX já era febre nas ruas de São Paulo e Rio de Janeiro. Isso refletiu nas criações de clubes que eram exclusivos para brancos (Flamengo, Fluminense, Botafogo) e outros clubes que surgiram e incorporavam jogadores negros (Bangu, Ponte Preta). Assim, o episódio vai abordando as histórias e os bastidores de como foi todo esse processo da entrada do negro no futebol, o quanto o preconceito e a exclusão eram explícitos na sociedade como

um todo. Com relatos da obra do Mário Filho, mostram jogadores negros que foram pioneiros no futebol brasileiro e suas histórias, como Francisco Carregal no Bangu, Carlos Alberto no América e Fluminense, Friedenreich, Gradín.

Uma questão importante abordada nesse episódio e que retrata muito o racismo estruturado na sociedade que foi abordado no capítulo anterior, era a questão da transformação do futebol amador para o profissional. Era uma necessidade do período a profissionalização do futebol, sendo que as famílias ricas conseguiam bancar seus filhos que apenas estudavam e conseguiam jogar futebol. Ou seja, o amadorismo permitia que a elite continuasse de forma predominante, pois os mais pobres precisavam trabalhar e não conseguiam se dedicar ao futebol. Alguns clubes foram importantes para essa transformação, como o Vasco da Gama que surgiu no futebol por comerciantes portugueses e que incorporavam jogadores negros no seu time e foi assim que em 1923, no primeiro ano em que estava jogando a principal liga, foi campeão em cima de times que eram exclusivos brancos. Eles praticavam o chamado “amadorismo marrom”, em que alguns jogadores negros conseguiam jogar futebol sem precisar trabalhar, sendo que as refeições eram feitas nesses comércios e assim podiam treinar e se destacar fisicamente. O profissionalismo no futebol brasileiro ocorreu no ano de 1933 e no próximo episódio conta mais sobre esse período.

No segundo episódio, volta a falar sobre a profissionalização do futebol e um fato interessante para se observar é que mesmo após o futebol se tornar profissional, os clubes elitizados arranjaram uma forma de exclusão racial. Era muito comum os clubes terem sócios que desfrutavam de certas regalias e, após a profissionalização, a forma de a elite excluir, principalmente os negros, eram tratando os atletas apenas como funcionários e só permitindo que eles jogassem bola e saíssem por outra porta, para não conviver no mesmo ambiente que os brancos. A partir daí destacam alguns jogadores como Fausto, Domingos da Guia e principalmente Leônidas da Silva. Contam histórias, bastidores de clubes, da Copa do Mundo e exaltam Leônidas e os seus feitos.

O próximo assunto importante tratado nesse episódio e que já foi dissertado aqui é sobre a Copa de 1950 no Brasil. Comentam sobre ela de forma geral e destacam o “Maracanazo”, em que a seleção brasileira perdeu para os uruguaios no Brasil no estádio do Maracanã e a culpa da derrota caiu sobre três

jogadores negros (Bigode, Barbosa e Juvenal), ou seja, mostraram como o racismo se escancarou e como esse fato foi muito reproduzido ao longo do tempo. Após isso, mostra no documentário os efeitos da Copa do Mundo de 1950, em que não queriam que jogadores negros fossem mais convocados pela seleção, pois falavam que o negro falhava e não estava preparado psicologicamente para momentos de pressão. Esses fatos afetam e atrapalham jogadores até os dias de hoje.

O terceiro episódio foca na figura do maior jogador de futebol de todos os tempos: Pelé. Retratam o início da sua vida, sua trajetória no futebol desde o começo no futebol e destacam, principalmente, quando jogou a Copa de 1958 aos 17 anos e mostrou ao mundo todo o seu talento ao ganhar o primeiro título da seleção brasileira desse campeonato. Além disso, ganhou as copas de 1962 e 1970. Assim, mostram a importância do Pelé para o resgate da identidade e da autoestima dos negros, pois o Rei do Futebol era um jogador brasileiro e negro. Logo após esse fato, comentam sobre o milésimo gol do Pelé, em que após fazer o gol, ele fala em uma entrevista para que deem uma atenção maior as crianças de rua. Comentam e destacam no documentário a importância dessa fala, principalmente por estar em plena Ditadura Militar em 1969, pois ridicularizaram aquele discurso dele, questionando quem era Pelé para abordar sobre o tema educação. Ou seja, um caso explícito de racismo e que não acreditavam que um jogador de futebol poderia abordar essas questões por não serem inteligentes. Além disso, questionam a postura do Pelé durante sua vida, por não ser uma pessoa que costumava se posicionar para nenhuma questão fora das quatro linhas e que, pela figura que Pelé era, precisava-se atentar a essas questões importantes. Para finalizar, comentam sobre a Copa de 70 em que o Brasil de Pelé ganhou e como foi a sociedade após isso, tendo em vista que os movimentos negros começaram a ganhar mais força nesse período.

O quarto episódio inicia com questões mais recentes e dialogando com a atualidade, principalmente pelos jogadores negros que foram cada vez mais tomando seu espaço após Pelé. Contam de casos racistas que ocorreram na Europa, com jogadores estrangeiros e brasileiros, com árbitros e com atletas aqui no Brasil que ocorreram há poucos anos atrás e analisam esses casos. Casos emblemáticos como o do jogador Daniel Alves do Barcelona são

destacados, explicando a história de quando o jogador foi cobrar um escanteio e alguém da torcida jogou uma banana nele. O jogador revidou e respondeu esse ato racista comendo a banana, protestando contra o racismo de uma forma diferente e dando visibilidade ao assunto muito importante. Mostram que ao longo do tempo, a indignação e o protesto contra o preconceito racial foram se alterando e ganhando mais espaço. E que atualmente, apesar de episódios racistas ainda acontecerem com frequência, os tratamentos contra o racismo têm uma intolerância maior e um protesto por parte de algumas pessoas da sociedade. Apesar disso, estarmos longe do ideal e com uma caminhada longa para esse problema ser resolvido. Abordam sobre a Copa de 1970 que foi a Copa do Mundo de despedida de Pelé e a sua importância para esse título. Também falam sobre a Copa de 1994 em que o Brasil ganhou com um destaque para o jogador Romário que é negro e era um artilheiro nato. Encerram o documentário falando sobre a equipe da França, campeã da Copa do Mundo de 2018 e que sua seleção era composta por 15 jogadores negros. Ganharam esse título após 60 anos da Copa do Mundo de 1958 e que esse foi o legado de jogadores como Pelé e Garrinha.

O documentário aborda inúmeras questões pertinentes para entendermos as desigualdades sociais e as discriminações, que são resultados de uma sociedade que foi construída a partir de muito sangue indígena e de negros escravizados. Um lugar que foi colonizado e permaneceu como colônia até 1822 e em uma sociedade que a mão de obra era escrava advinda do continente africano até 1888. E o resultado de todo esse processo pode ser observado por diversos âmbitos sociais e no futebol também é manifestado. Por isso o documentário é importante e muito atual.

### **Uma conversa com o diretor: entendendo melhor as escolhas feitas no documentário.**

Após contextualizar o surgimento do futebol e sobre a história da vida e do livro do Mário filho, vamos analisar o diretor e o documentário. O diretor Gustavo Acioli nasceu no Rio de Janeiro e hoje reside nos Estados Unidos. Acioli que é roteirista, escritor, diretor, músico, graduou-se no curso de Cinema na Universidade Federal Fluminense (UFF). Em uma entrevista que pude fazer com ele, diz que sua relação com o futebol começou como torcedor, principalmente

por conta do seu pai e por ver seu time Clube de Regatas do Flamengo jogar, mas que a sua relação é mais contagiante no estudo sobre a história do futebol. O contato com esse esporte de uma forma mais profissional, iniciou no ano de 2012 quando foi convidado a fazer parte de um projeto para um desenvolvimento de um museu relacionado ao futebol no estádio do Mineirão, mas que mesmo após o desenvolvimento do roteiro, acabou não dando certo. Também participou como roteirista da série documental *Seleção Brasileira, A Paixão de um povo*, publicada no ano de 2014 e que conta sobre o um século de seleção brasileira. Essas participações, fizeram com que ele acumulasse uma bagagem grande em relação ao futebol.

Nesse mesmo período desses dois projetos citados acima, Gustavo Acioli disse na entrevista que fez a leitura do livro *O Negro no Futebol Brasileiro* do Mário Filho e se apaixonou pela obra. Ficou entre os anos de 2012 e 2017 com as ideias sobre transformar o livro em uma obra cinematográfica. Até que desenvolveu um projeto que seria publicado em museu para a Copa do Mundo, mas que deu errado. Então ele enviou esse projeto para a LC Barreto Produções Cinematográficas e que logo em seguida, apresentou para o canal HBO. Poucos dias depois tinham aceitado o projeto, começaram a produção e em 2018 lançaram a série documental.

Continuando ainda com a entrevista do diretor, ele diz o que tiveram vários motivos que incentivaram ele a querer produzir essa obra. Entre elas, a paixão pelo futebol, as questões socioculturais, o amor pelo livro e a vontade de transformar aquelas histórias para as telas. Assim, ele sente o livro muito atual e por isso, no processo de adaptação, Gustavo Acioli tinha a vontade de que o documentário fosse “contado” pelo Mário Filho. Ou seja, ele gostaria que os trechos do livro desse autor fossem guiando essa obra cinematográfica e que não tivesse ninguém narrando. Como o diretor acha a escrita sensacional do Mário Filho, ele achava essencial esse modo. Dessa forma, em diversos momentos do documentário, são selecionados trechos dessa obra em que o próprio Gustavo Acioli lê, dando essa característica de como se fosse realmente o Mário Filho que estivesse contando. Em muitas vezes que esses trechos estão sendo lidos, mostram imagens e vídeos de momentos específicos que se

relacionam com essa passagem do autor. Por outras vezes, mostra o próprio diretor sentado, com o livro na mão e praticando a leitura.

Mas, ele relata ter tido alguns desafios para esse feito, como o fato de que o livro, como disse nos parágrafos anteriores, concentrou-se mais no Rio de Janeiro e foram relatadas histórias até 1964, que foi sua a última edição. Só que Acioli pretendia fazer um conteúdo que abrangesse o país todo e chegasse aos dias atuais, ou seja, tinha o desafio de ser fiel ao livro e encaixar passagens ao longo de todo o documentário e também lembrar que era um documentário direcionado a televisão, com todas as suas peculiaridades. Outro desafio que ele relatou foi o fato de que muitos historiadores duvidam das histórias contadas no livro, pois não tinham muitos documentos que comprovassem a veracidade de todos os fatos e assim, ele tinha que fazer um processo de apuração das histórias, tornando uma caminhada difícil e que muitas vezes não era possível. Por fim, Gustavo Acioli relata que tinha escrito muita coisa, mas que não poderia ser tudo aquilo que estava no roteiro, ele tinha que transformar em um conteúdo mais compacto e em pouco tempo. Foram escolhas difíceis, mas que deram certo.

A obra cinematográfica é caracterizada por uma trilha sonora ampla e que soma ainda mais com a beleza do documentário. Por meio dessa conversa com o diretor, pude saber dos processos para a formação da obra. Quando Acioli estava pensando nessa parte musical, ele pensava desde o início em desenvolver cronologicamente, junto com o que seria abordado, a evolução da música negra no Brasil e seu desenvolvimento. Usando estilos musicais como: Maxixe, Chorinho, Samba-enredo, samba-canção, samba-rock, sambalango e muitos outros. Além disso, ele queria procurar alguém que produzisse as músicas para ele partindo dessa evolução e que o músico fosse negro. Acioli constata que foi difícil achar músicos negros que não fossem sambistas e que tinha o amplo repertório que necessitava. Depois de muita procura, ele achou o músico Robson Miguel<sup>12</sup>, um grande músico que desenvolveu projetos nacionais e internacionais, multi-instrumentista, compositor, produtor e com uma grande

---

<sup>12</sup> Robson Miguel produziu 27 CDs e 19 DVDs ao longo da sua vida. Conhecido como “Mestre do Violão”, ele é um músico versátil. Após a visitar 78 castelos e acreditar que o Violão são tocados para reis e rainhas, Robson Miguel construiu um castelo com mais de 2000 m<sup>2</sup> de área construída em homenagem ao violão na cidade de Ribeirão Pires.

versatilidade musical. O músico aceitou o projeto e Acioli relata que as primeiras produções enviadas pelo Robson Miguel não agradaram. Por conta disso, o músico chamou o diretor para ir a sua casa para eles produzirem juntos, com a ideia de fluir mais. Assim, encontraram-se umas 4 vezes e foram produzindo as músicas já com a parte visual pronta, tornando o processo mais fluído. Nos episódios três e quatro, filho de Robson Miguel, chamado Max Pianura e que também é músico, ajudou na construção do projeto. O que também ajudou nesse processo é que Gustavo Acioli também é músico e tem muito conhecimento sobre o assunto.

Conversamos também sobre a escolha das pessoas que relataram e participaram do documentário. Acioli afirma que tinha que ponderar para achar todas as pessoas para os relatos, já que o documentário e a temática demandam uma diversidade. Dessa forma era necessário trazer pessoas negras, historiadores, jogadores e ex-jogadores, jornalistas, pessoas que estudam e dominam as áreas demandadas e trazer as mulheres, já que o futebol ainda continua sendo um ambiente predominantemente masculino e machista. Outro processo conversado foi sobre as escolhas de imagens e vídeos no documentário. Ele afirma que foi muito complicado a execução dessa atividade, já que muitas coisas são limitadas e várias coisas interessantes demandam gastar muito dinheiro. Existiram muitos orçamentos e negociações, pensando na lei de direitos autorais e ele indica que as imagens e vídeos atuais foram ao mais difíceis. Mas que para essa função foi disponibilizada uma equipe que tratou de todos esses processos.

Essa conversa com o Gustavo Acioli foi muito valiosa para entender questões que passam despercebidos e também para entender todo o processo de escolhas e estudos para criação de uma obra cinematográfica. Compreender os passos mais importantes para a construção do documentário, torna ele ainda mais interessante, já que amplia os conhecimentos desenvolvidos em cima da obra.

## **A vida e obra de Mário Filho**

Autor do livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, Mário Leite Rodrigues Filho nasceu no dia 3 de junho de 1908 em Recife, Pernambuco. Terceiro dos catorze filhos, ele chegou ao Rio de Janeiro em 1916. Nelson Rodrigues, irmão de Mário Filho, foi um grande escritor, jornalista e dramaturgo brasileiro também chegou ao Rio de Janeiro no mesmo ano. Filho, aos 17 anos, começou a trabalhar no jornal *A Manhã* e depois em *A Crítica*, jornais que eram do seu pai, para logo depois chegar no jornal *O Globo* no ano de 1931. Ele se destaca pelo seu pioneirismo, como ser o primeiro jornalista a ressaltar à parte humana no futebol e também por fundar o primeiro jornal focado no mundo do esporte no Rio de Janeiro, chamado *O Mundo Esportivo*. Mário Filho fez uma matéria sobre a volta do goleiro Marcos de Mendonça e isso marcou o esporte, pois após isso, notícias do futebol começaram a se ramificar e ajudando a melhorar o olhar que as pessoas tinham pelos jogadores.

Criador da mística do nome “Fla x Flu”, um dos maiores clássicos futebolísticos do Brasil, Mário e suas crônicas diárias, lideraram a campanha para criação do Maracanã no lugar onde ele é construído hoje (pensando em um estádio que atendesse um grande número de pessoas e em uma região do Rio de Janeiro que seria de fácil acesso a população) e que foi feito para a Copa do Mundo de 1950 com a capacidade para mais de 150 mil pessoas. Além disso, o jornalista foi um dos grandes propulsores do futebol carioca, pois seus feitos mostram como foi importante para a popularização desse esporte. Pela sua importância, o Maracanã, até os dias atuais, chama-se Estádio Jornalista Mário Filho. Além disso, ele foi autor de obras literárias como *Copa Rio Branco* (1932), *Histórias do Flamengo* (1934), *Copa do Mundo de 62* (1962) e muitas outras.

O livro surgiu com a sua primeira edição em 1947 (Irmão Pongetti Editores) com o título *O Negro no Foot-Ball do Brasil* em que o autor aborda desde o surgimento do futebol no Brasil e com um olhar mais detalhado para o futebol praticado no Rio de Janeiro. Dessa forma, ele descreve sobre um período de ascensão social dos negros, destacando grandes jogadores e histórias dos bastidores futebolísticos. A segunda edição desse livro foi lançada em 1964 (Editora Civilização Brasileira) e que foi a última edição do autor em vida com título já definitivo de *O Negro no Futebol Brasileiro*. Nessa edição, Mário Filho

acrescentou mais dois capítulos para definir sua obra por completa, abordando principalmente sobre o período entre 1950 e 1962. Assim, entrando na Copa do Mundo de 1950 que ocorreu no Brasil e houve episódios importantes para história do futebol narrados pelo autor. Também aborda sobre as figuras de Pelé e Garrincha, detalhando os jogadores e os ganhos dos dois títulos da Copa do Mundo de 1958 e 1962 pela seleção brasileira. Filho já reconhecia a importância do Rei do Futebol e dos jogadores negros para formação do futebol, tanto que exalta os feitos de Pelé sem mesmo ter presenciado os feitos da Copa do Mundo de 1970. Mário Filho faleceu no ano de 1966 aos 58 anos.

Essa obra tem uma contribuição muito valiosa para a sociedade, culturalmente e socialmente, pois ela descreve as origens e o crescimento desse esporte popular enraizado no Brasil e que nos ajuda a entender historicamente o país em que vivemos. Destaca-se nessa obra, a originalidade e a forma em que o autor comenta e relata todos os momentos, com um toque sutil e detalhista. Assim, esse livro instiga ao leitor a continuar a leitura e se interessar mais pelas histórias contadas, mostrando realmente esse lado cronista em que Mário Filho tinha. Também é importante ressaltar que a obra é contada e desenvolvida mais no Rio de Janeiro, pois o autor viveu grande parte da sua vida nessa região. Assim, grande parte dos relatos são feitos e registrados à história carioca, mas ainda sim são feitas menções de outras regiões como São Paulo. Com isso, a contribuição apesar de ser focada regionalmente, atende uma demanda nacional, visto que o Rio de Janeiro foi e ainda é umas das regiões mais importantes para o futebol brasileiro e para o país, além de que era a capital do Brasil até o ano de 1960.

### **O documentário e sua relação com os dias atuais**

Um dos desafios da produção desse documentário, como já abordado aqui, foi o fato de ampliar as discussões do livro. Ou seja, tinha como objetivo atingir mais regiões e personagens e também tratar de questões que aconteceram após a escrita da obra do Mário Filho, para chegar até os dias atuais. No documentário, pode-se observar algumas discussões interessantes que nos dá a possibilidade de entender como o racismo na sociedade brasileira

está perpetuado e estruturado, manifestando-se em diversas áreas, como no futebol.

Uma das discussões que podemos fazer sobre esse aspecto do racismo estruturado é sobre a temática da posição de goleiro, principalmente após a Copa do Mundo de 1950 e já foi abordado nesse trabalho. Voltar a pensar ela é importante, pois se observa no futebol que o racismo permeia estruturalmente em todas as áreas. Na disposição de atleta, destaca-se o goleiro como uma posição que sofreu muito com o racismo e ainda colhe com a estruturação dele na sociedade. Mas podemos enxergar também esse preconceito em outras áreas do futebol além dos jogadores, como os dirigentes e técnicos.

No quarto episódio, o ex-jogador Tinga relata algumas experiências que passou na sua vida em torno dessa temática. Ele diz que quando jogava na Alemanha, no ano de 2009, um amigo alemão comentou que o Brasil produz grandes atletas negros e que destacam ao redor do mundo, mas questionou o motivo disso também não ocorrer na administração e nos clubes. Esse questionamento fez com que Tinga refletisse sobre o assunto, chegando a pensar na carreira que seguiria após jogar futebol e assim, sentiu interesse em virar dirigente. Após a aposentadoria dos gramados, passou a estudar e se matriculou em cursos pensando no próximo passo da sua vida. Dessa forma, ele cita quando foi conversar com um presidente de um clube e que a pessoa elogiou Tinga, dizendo que ele tinha capacidade para ser o melhor dirigente, mas que para isso ele poderia pelo menos cortar o cabelo. (O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO, EPISÓDIO 4 – min. 37:44 a 41:16) Esse fato mostra o preconceito vivido por muitas pessoas negras que buscam adentrar nesse meio fora das quatro linhas do futebol, em que quando a inserção do negro foge do jogar futebol, do talento e vai para uma área que exige conhecimentos específicos, uma barreira maior aparece e se chama racismo.

Outro exemplo pautado no parágrafo anterior ocorre quando observamos os técnicos presentes nos grandes clubes. Quase não se observa a figura principal que comanda um time de futebol sendo uma pessoa negra. Isso analisado historicamente, vemos que na seleção brasileira em mais de 100 anos de existência, nunca presenciou um técnico disputando uma Copa do Mundo e sendo um negro. Ou seja, concluo esse tema mostrando que o futebol tem pouco

espaço para pessoas negras assumirem posições que vão além do talento (atleta) e que passam para posições de competência e confiança. Vive-se ainda a herança que a escravidão nos deixou, fazendo com que o racismo permaneça estruturado na nossa sociedade e manifestando-se em todos os cantos do país. Observamos a ausência de negros em posições de destaque, seja no futebol ou em qualquer outro âmbito, mesmo em um país em que a maioria da população é negra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa se iniciou no ano de 2020 com um projeto de pesquisa intitulado “O negro no futebol brasileiro: análises e comparações por meio de documentário”. Participei por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Edital Nº 04/2020 PIBIC-CNPq, como bolsista. A partir dele, pude iniciar a minha pesquisa sobre uma área que me identifico muito e sou apaixonado que é o futebol. Desde o princípio, essa pesquisa é voltada para pesquisar a identidade negra associada ao futebol no Brasil e nessa relação, compreender o projeto de ascensão social. Partindo dessa ideia, encontrei no documentário *O Negro no Futebol Brasileiro* e no livro homônimo do Mário Filho, a possibilidade de desenvolver ainda mais esse estudo. Dessa forma, o objetivo desse trabalho foi fazer um recorte temporal e trabalhar juntamente com outros autores que escreveram sobre o período. Assim, foi pesquisado e desenvolvido estudos sobre o futebol e as relações étnico-raciais, que caminharam juntos desde o final do século XIX até a década de 1950 e como isso chegou aos dias atuais.

O documentário é muito rico, pois ao longo dos seus quatro episódios, consegue abordar temáticas que vão do início do futebol até os dias atuais. Isso permite compreender a sociedade como um todo por meio do futebol, já que os acontecimentos sociais e culturais refletem no esporte. Ele usa da originalidade do Mário Filho para adentrar em um mundo muito complexo que é o futebol e faz enxergar a importância desse tema como um objeto de pesquisa.

Como foi visto aqui, esse trabalho propôs, primeiramente, em compreender as origens do futebol e seu desenvolvimento no Brasil como um esporte que alcançou a grande massa da população. Entendendo os primeiros passos, os primeiros grandes atletas negros, o início dos grandes campeonatos, as grandes transformações ocorridas e a Copa do Mundo de 1950. Compreender os detalhes e o passo a passo do esporte, nos deu a oportunidade de captar mais a fundo todas as acontecimentos do período e como isso vai se relacionar com os aspectos raciais analisados.

Após essa abordagem, a análise tratou de trabalhar as relações étnico-raciais de uma sociedade pós-abolição e que carrega as heranças de uma colonização e da escravidão. Debater a identidade e o racismo na sociedade, nos faz olhar o futebol e compreender o seu desenvolvimento. Após isso, pesquisar sobre jogadores negros deu a oportunidade de entender na prática como o racismo estava e ainda está estruturado na sociedade. E também como ele se manifestava no futebol e nas suas relações.

A Copa do Mundo de 1950 foi uma manifestação clara do racismo. A derrota brasileira na final do campeonato nos fez entender como o preconceito se manifestava na sociedade, carregado por todas as heranças de tempos passados e desmitificando a existência de uma democracia racial brasileira. Por isso, esse acontecimento ainda rende pesquisas e é necessário muito mais. Entender também seus efeitos e a figura de Pelé após esse campeonato, complementa ainda mais os estudos sobre as relações raciais no Brasil.

Por fim, analisar com mais detalhes a fonte desse trabalho que é o documentário, faz compreender melhor os pontos citados acima. Entender as escolhas do diretor, a relação com obra e vida do Mário Filho e a contribuição com os dias atuais, permite que amplifiquemos ainda mais os conhecimentos desenvolvidos. Principalmente em ampliar as discussões sobre a identidade negra relacionada ao futebol.

Nesse momento da conclusão, mostra-se que essa pesquisa ainda tem muito caminho a percorrer, tendo em vista que é um tema atual, ou seja, a pesquisa sobre essa temática, precisa estar em constante desenvolvimento. Gostaria de exaltar a importância dos assuntos e da representação do documentário para os dias atuais. A contribuição do livro como fonte, torna possível a análise do passado e junto com a filmografia, entendemos o diálogo com os dias atuais. Mário Filho nos dá a oportunidade, com uma escrita original e relatando histórias únicas, de compreender a importância do futebol e como é possível, através dele, entender a nossa sociedade desde a proclamação da república. Principalmente pensando a questão racial, em que conseguimos analisar a estruturação do racismo no dia a dia e como observamos as raízes do período da escravidão no Brasil. Um ponto importante nesse artigo e que conseguimos entender através do documentário, é a identidade negra presente

no futebol e como ele foi articulado para um projeto de ascensão social, chegando até os dias atuais e continuando com muitos problemas. Hoje em dia, apesar de ter um movimento negro mais fortificado, lutas raciais constantes e estereótipos sendo cada vez mais desconstruídos em todos os âmbitos sociais, ainda vemos muitos resquícios de quase quatrocentos anos de escravidão. Casos de racismo são frequentes, muitas pessoas sofrem e morrem diariamente por conta dessa sociedade estruturada em um sistema racista, mas Mário Filho há 60 anos atrás já mostrava que isso nunca coube e que não podemos tolerar jamais.

## FONTES

O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO. Direção: Gustavo Acioli. coprodução da HBO Latin America e Filmes do Equador. 2018.

JÚNIOR, H. F. **Dança dos Deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Mauad, 2003

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. 1ª Ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 5ªEd, São Paulo: Globo, 2008

SCHWARCZ, L. M. **Nem preto, nem branco, muito pelo contrário: Cor e raça na sociabilidade brasileira**. São Paulo: Claro Enigma, 2012

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Tradução de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. Porto Alegre: L&PM, 2020.

LEMOS, Maria Tereza Toríbio Brittes. **TLACHTLI – O jogo de bola na Mesoamérica**. Pesquisa de Campo. Rio de Janeiro, n. 1, p. 55-62, 1995.

JÚNIOR, Emanuel Leite; RODRIGUES, Carlos. **O Futebol na China: do cuju (蹴鞠) ao sonho de se tornar uma potência mundial**. Mosaico – Volume 9, 2018.

ACIOLI, Gustavo. Entrevista sobre O Negro no Futebol Brasileiro. Entrevista concedida a Eduardo Baldo Tostes via internet. 14 de setembro de 2021

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NETO, A. R. V. A negritude de Aimé Césaire. **Conserveries mémorielles**. p. 1-11, 2007. Disponível em: < <http://journals.openedition.org/cm/133> > Acesso em: 06/06/2022

DA MATTA, Roberto et. al. **O universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Paris. Gallimard, 1969

SILVA, M. A. **Repensando a história**. 2ª edição, Rio de Janeiro, Editora Marco Zero.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... O que é mesmo um documentário ?**. 2013, 2ª edição, São Paulo, Editora Senac São Paulo.

GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil**. São Paulo, 2006.

GARRINCHA, ALEGRIA DO POVO. Direção: Joaquim Pedro de Andrade. Produção: Luiz Carlos Barreto e Armando Nogueira. 1963. Rio de Janeiro Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=sdS-Rq3o8G8>> Acesso em: 05 de abril 2020

O REI PELÉ. Direção: Carlos Hugo Christensen. 1963. Disponível em < [https://www.youtube.com/watch?v=bEaUYdz\\_91o](https://www.youtube.com/watch?v=bEaUYdz_91o)> Acesso em: 05 de abril 2020

PELÉ ETERNO. Direção e produção: Aníbal Massaíni Neto. Anima Produções Audiovisuais e da Cinearte Produções Cinematográficas. 2004. 1 DVD

SUBTERRÂNEOS DO FUTEBOL. Direção: Maurice Capovilla. 1965. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=lifwMuIDE18&t=601s>>. Acesso em: 05 de abril 2020

DIAMANTE NEGRO: O HOMEM QUE VENCEU O TEMPO. Direção: André Ribeiro e Pichi Martirani. TV Cultura. 2006. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=StgC8rJJJOY>> Acesso em: 05 de abril 2020

VALENTIM, Marcos. Em 62 edições do Brasileirão, Hugo é apenas o 13º goleiro negro campeão como titular. **GE**,2021. Disponível em:< <https://ge.globo.com/blogs/ubuntu-esporte-clube/post/2021/02/27/em-62->

[edicoes-do-brasileirao-hugo-e- apenas-o-13-goleiro-negro-campeao-como-titular.ghtml](#) > Acesso em: 11/07/2022

FIFA. **Museu do Futebol**, 2020. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/instituicoes/497205/>. Acesso em: 23 mai. 2022.

ALMEIDA, Marina Oliveira de. Do amadorismo à profissionalização: de 1930 até hoje. **Ludopédio**, 2012. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/do-amadorismo-a-profissionalizacao-de-1930-ate-hoje/>. Acesso em: 20 maio 2022.

Sul-Americano 1919: primeiro grande título da Seleção completa 100 anos. **CBF**, 2019. Disponível em: < <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/selecao-masculina/sul-americano-1919-primeiro-titulo-da-selecao-completa-100-anos> > Acesso em 23/05/2022

Copa do Mundo de 1930. **Museu do Futebol**. Disponível em: < <https://museudofutebol.org.br/crfb/eventos/528788/> > Acesso em: 24/05/2022

Copa do Mundo FIFA de 1950. **Wikiwand**. Disponível em: < <https://www.wikiwand.com/pt/Copa do Mundo FIFA de 1950> > Acesso em: 24/05/2022

Copa do Mundo 1950 – Brasil. **GE**. Disponível em: < <http://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/historia/copa-de-1950-brasil.html> > Acesso em 24/05/2022

Copa do Mundo de 1934. **Museu do Futebol**. Disponível em: < <https://museudofutebol.org.br/crfb/eventos/528800/> > Acesso em: 24/05/2022

O Brasil na Copa do Mundo de 1934. **CBF**, 2015. Disponível em: < <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/torcedor/jogos-inesqueciveis/mundial-da-italia> > Acesso em: 26/05/2022

Copa do Mundo de 1938. **Museu do Futebol**. Disponível em: < <https://museudofutebol.org.br/crfb/eventos/497465/> > Acesso em 26/05/2022

Copa do Mundo de 1950. **Museu do Futebol**. Disponível em: < <https://museudofutebol.org.br/crfb/eventos/528809/> > Acesso em 27/05/2022

CANTALICE, Tiago. Teatro Experimental do Negro (TEN). **Palmares Fundação Cultural**, 2016. Disponível em:< <https://www.palmares.gov.br/?p=40416> >  
Acesso em 29/07/2022